



Universidade Federal do Pará

Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento

Autonomia em Jovens e sua relação com o Estilo de Apego Adulto

Aline de Abreu França Barros

Belém – PA

2026



Universidade Federal do Pará

Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento

Autonomia em Jovens e sua relação com o Estilo de Apego Adulto

Aline de Abreu França Barros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento, do Núcleo de Teoria e Pesquisa da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Neurociências e Comportamento

Orientadora: Prof. Dr^a. Rachel Coelho Ripardo Teixeira

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Roney Kilpp Goulart

LINHA DE PESQUISA: Processos Comportamentais Complexos.

Belém – PA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B277a Barros, Aline de Abreu França.
 AUTONOMIA EM JOVENS E SUA RELAÇÃO COM
 ESTILO DE APEGO ADULTO / Aline de Abreu França Barros. —
 2026.
 75 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Rachel Coelho Ripardo Teixeira
 Coorientador(a): Prof. Dr. Paulo Roney Kilpp Goulart
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo
 de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-
 Graduação em Neurociências e Comportamento, Belém, 2026.
1. Estilo de Apego Adulto. 2. Autonomia. 3. Jovens. I.
 Título.

CDD 155.7

ALINE DE ABREU FRANÇA BARROS

Autonomia em Jovens e sua relação com o Estilo de Apego Adulto

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Neurociências e Comportamento, pela Universidade Federal do Pará.

Data de aprovação: __ __ / __ __ / __ __

Banca Examinadora:

Profª Dra. Rachel Coelho Ripardo, Universidade Federal do Pará, Orientadora.

Prof Paulo Roney Kilpp Goulart, Universidade Federal do Pará, Co-orientador.

Profª Dra Natália Bezerra Dutra (Banca)

Profª Dra. Aline Beckmann Menezes, Universidade Federal do Pará (Banca)

Profª Daniela Lopes Gomes, Universidade Federal do Pará (suplente)

BELÉM - PA

2026

**Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para
Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA**

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor: Aline de Abreu França Barros

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente

Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; ()

Artigo de Periódico; () Trabalho de Evento; () Outro. Especifique:

Título do Trabalho: Autonomia em Jovens e sua relação com o Estilo de Apego Adulto

Data da Defesa: 28/03/2026 Área do Conhecimento:

Linha de Pesquisa:

Agência de Fomento: CAPES

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

(X) Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(X) Não

Documento assinado digitalmente
 **ALINE DE ABREU FRANCA BARROS**
Data: 08/06/2026 11:47:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

A obra continua protegida conforme a Lei de Direito Autoral. Belém (PA), 14 / 05 / 2026

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos
Direitos do Autor Realizar assinatura
pelo Gov.br

“Para você aprender a andar de bicicleta, alguém em quem você confiava muito precisou te soltar.” Um sábio autor desconhecido

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus familiares que me apoiaram, incentivaram e celebraram comigo cada etapa da minha trajetória profissional. Nesse momento, em especial, essa jornada que foi o mestrado.

Também agradeço ao meu esposo, que me encorajou em cada passo, emocionou-se comigo em cada conquista, participou de cada novidade e não me deixou desistir diante de nenhum desafio.

Aos meus filhos, muito obrigada pela paciência e pelo entendimento do processo de uma forma tão especial. Vocês, sem dúvida, são a melhor parte de mim, e é motivo de profundo orgulho tê-los visto participar dessa caminhada com sensibilidade e, talvez sem perceber, com as emoções certas nos momentos certos.

Agradeço aos meus clientes/pacientes, que me ensinaram e me transformaram muito mais do que imaginam, lembrando-me, diariamente, do sentido humano e do propósito deste caminho.

Obrigada aos meus colegas discentes, que foram fundamentais no caminho repleto de aprendizados, trocas e apoio mútuo, tornando o percurso mais leve e significativo.

Muito obrigada a todos os docentes do PPGNC que cruzaram meu caminho e colaboraram para esta minha nova versão. Muito conhecimento compartilhado, muita experiência dividida. Foi muito mais do que eu podia imaginar, foi incrível.

Também agradeço a minha banca de qualificação que foi fundamental e norteadora para me assegurar o caminho que foi trilhado até aqui.

Um agradecimento muito especial para minha orientadora, Rachel Ripardo, e ao meu coorientador, Paulo Goulart, inicialmente por me aceitarem como orientanda, mas

sobretudo por tornarem todo o processo tão especial. Obrigada por estarem comigo em cada etapa, por segurarem minha mão quando foi preciso, por impulsionarem no momento certo e por compartilharem tanto conhecimento com uma subjetividade tocante e entusiasmo raro.

Agradeço à Fundação CAPES pela concessão da bolsa durante parte do mestrado, o que possibilitou maior dedicação à pesquisa, aos estudos e à elaboração desta dissertação.

Sou muito agradecida aos participantes da pesquisa, que foram generosos ao colaborar com este estudo e tornaram possível a construção deste trabalho.

Sobretudo, agradeço a Deus, que me permitiu chegar até aqui exatamente da maneira como tinha de ser.

Resumo

Autonomia é um conceito multifacetado que envolve a capacidade de autogoverno, tomada de decisões (autonomia comportamental, funcional e atitudinal), emoções e pensamentos próprios (autonomia emocional). Em paralelo, o estilo de apego, conforme proposto pela Teoria do Apego de John Bowlby, caracteriza como os indivíduos formam vínculos e gerenciam suas relações emocionais. Este estudo teve o objetivo de avaliar se os jovens com estilo de apego seguro têm maiores escores de autonomia quando comparados com escores de autonomia de jovens de estilo de apego inseguro, ou seja, que hiperativam ou desativam o sistema comportamental de apego causando ansiedade excessiva (estilo de apego inseguro ansioso) ou evitação excessiva (estilo de apego inseguro evitativo), além de considerar a renda dos jovens da amostra. Participaram do estudo 202 jovens brasileiros, com idade entre 18 e 21 anos, que responderam a instrumentos de autorrelato sobre autonomia (Questionário de Autonomia) e apego (Escala de Estilo de Relacionamento). Para essa amostra, os resultados indicaram correlação negativa entre autonomia e os indicadores de apego (ansiedade e evitação), sugerindo que o apego seguro dessa faixa etária está associado a níveis mais elevados de autonomia. A renda foi um fator coadjuvante. Esses achados contribuem para a compreensão do papel das relações de apego no desenvolvimento da autonomia durante a transição para a vida adulta.

Palavras-chave: Autonomia, Estilo de Apego Adulto, Jovens

Abstract

Autonomy is a multifaceted construct that encompasses the capacity for self-governance, decision-making (behavioral, functional, and attitudinal autonomy), as well as one's own emotions and thoughts (emotional autonomy). In parallel, attachment style, as proposed by John Bowlby's Attachment Theory, characterizes how individuals form bonds and regulate their emotional relationships. The present study aimed to examine whether young adults with a secure attachment style exhibit higher autonomy scores compared to those with insecure attachment styles, that is, individuals who hyperactivate or deactivate the attachment behavioral system, resulting in excessive anxiety (insecure anxious attachment style) or excessive avoidance (insecure avoidant attachment style), while also considering participants' income levels. The study included 202 Brazilian young adults aged between 18 and 21 years who completed self-report measures assessing autonomy (Autonomy Questionnaire) and attachment (Relationship Style Scale). For this sample, the results indicated a negative correlation between autonomy and attachment indicators (anxiety and avoidance), suggesting that secure attachment in this age group is associated with higher levels of autonomy. Income functioned as a secondary contributing factor. These findings contribute to a broader understanding of the role of attachment relationships in the development of autonomy during the transition to adulthood.

Keywords: Autonomy, Adult Attachment Style, Young Adults

De acordo com Bjorklund et al. (2023), organizações como a *American Academy of Pediatrics* declararam a saúde mental infantil uma emergência nacional. O estudo sugere que a falta de atividades autônomas e independentes pode não ser o único fator, mas um dos principais contribuintes para o aumento dos transtornos mentais, pois são vistas como fundamentais para o desenvolvimento de habilidades que ajudam os indivíduos a lidarem com o estresse da vida cotidiana e, sem essas oportunidades, podem estar menos preparadas para enfrentar desafios. A pesquisa é contextualizada através da Teoria da Autodeterminação e de estudos antropológicos que sugerem um descompasso evolutivo entre as condições nas quais as tendências naturais das crianças evoluíram e as condições modernas. A Teoria da Autodeterminação postula que a liberdade e a autonomia são essenciais para o bem-estar psicológico, enquanto o argumento de descompasso evolutivo enfatiza o afastamento entre as práticas modernas de criação de filhos e as condições naturais sob as quais os humanos evoluíram, incluindo maior liberdade e menos supervisão intensiva, segundo os mesmos autores.

Dados recentes examinam como a diminuição das atividades autônomas de crianças e adolescentes ao longo das décadas contribuiu para o declínio do bem-estar mental infantil, adolescente e de jovens. Em Bjorklund et al. (2023), apresenta-se um estudo dividido em várias seções que discutem a redução das oportunidades de atividades autônomas, o impacto no bem-estar mental dos indivíduos e as implicações para práticas pediátricas. Neste artigo, os autores destacam que crianças e adolescentes de hoje têm menos liberdade para brincar, explorar e participar de atividades sem a supervisão direta de adultos em comparação com décadas passadas. Esse declínio é atribuído a várias mudanças sociais, incluindo um aumento no tempo e na pressão escolar, além de um maior foco na supervisão e proteção dos pais. Na década de 1970 e anteriores, era comum que indivíduos da mesma idade caminhassem ou andassem de bicicleta sozinhos para a

escola, realizassem tarefas domésticas significativas e tivessem empregos de meio período sem supervisão direta. Esta liberdade permitia o desenvolvimento de competências importantes para a vida adulta, algo que foi diminuindo gradualmente a partir da década de 1980. Os autores correlacionam a redução dessas atividades com o aumento das taxas de ansiedade e depressão entre crianças e adolescentes nos Estados Unidos.

Beyers et al. (2003) realizaram um estudo com mais de 300 jovens na Bélgica e assemelham-se a Bjorklund et al. (2023) ao afirmar que, embora o uso crescente de tecnologias digitais e outras mudanças sociais também possam desempenhar um papel no declínio do bem-estar mental, a redução das atividades feitas com autonomia, enfatizando ao ar livre, é um fator significativo. Recomenda-se que práticas de saúde com crianças e adolescentes, além de políticas públicas, considerem maneiras de aumentar as oportunidades para que as crianças participem de atividades independentes de forma segura, promovendo assim seu bem-estar psíquico e autorregulação a longo prazo.

O presente trabalho teve como objetivo examinar a relação entre indicadores de autonomia e indicadores encontrados na Teoria do Apego, desenvolvida inicialmente por John Bowlby, considerando as múltiplas dimensões e manifestações dos dois constructos. A autonomia é um conceito amplo e polêmico, além de multifacetado. Aqui, será compreendido envolvendo aspectos de um indivíduo independente, que toma iniciativa e age tomando decisões de acordo com seus próprios pensamentos (Barbosa, 2014). Por sua vez, o apego se manifesta por um sistema comportamental que pode incluir um estado emocional de segurança, de ansiedade, de busca ou evitação de suporte nas relações interpessoais (Mikulincer & Shaver, 2021). Esses conceitos, no entanto, são reconhecidos por sua natureza polissêmica, abrangendo diferentes definições e perspectivas teóricas.

Para tanto, no decorrer deste trabalho, buscou-se concretizar suas operacionalizações, considerando os fazeres específicos que os tornou passíveis de análise empírica.

O desenvolvimento humano é, em grande medida, caracterizado por um aumento progressivo da capacidade de o indivíduo agir com relativa independência em relação aos outros, ou “com autonomia”. Desde o bebê que começa a ganhar autonomia em grandes tarefas, como rolar, virar-se sozinho, até o adulto que, de acordo com seu contexto, adquire os recursos necessários para dar o passo de “sair de casa”. No meio desses dois eventos, antes deles e depois deles há muitos outros passos de autonomia. A autonomia está em construção contínua durante todo o ciclo vital (Allen et al., 2009).

As formas específicas como a autonomia se apresenta variam relativamente não apenas ao período da vida, mas aos contextos e propósitos de uso do termo (ex., educação, direito, ciência, políticas públicas). Ocorre que autonomia é um conceito multifacetado, com diferentes níveis de análise, de investigação e área de interesse, figurando tanto como um indicador de desenvolvimento como um objetivo em políticas públicas e intervenções educacionais, sendo central para a promoção de cidadania plena, inclusão social e igualdade de oportunidades (Barbosa, 2014).

Scheneewind (1998) nos traz no livro de título *A invenção da autonomia* que, sob o ponto da filosofia kantiana, a autonomia só ocorre quando há liberdade do sujeito em seus desejos e ao mesmo tempo, também afirmam, que a própria liberdade é um conceito que dependerá das regras impostas pela sociedade, não sendo possível total escolha dos desejos desse mesmo sujeito. Já nas abordagens neokantianas, a autonomia inclui a noção de fazer a coisa certa.

A noção de liberdade muitas vezes é tomada por ausência total de determinação por fatores externos ao indivíduo, o que torna o conceito intratável do ponto de vista das

ciências naturais (e.g., Sapolsky, 2024; Skinner, 1971), problema que se estende para conceitos relacionados, como é o caso da autonomia. Na psicologia comportamental, o conceito de autonomia é criticado por estar enraizado na ideia de um “homem autônomo”, que pressupõe a existência de um agente interno que origina e dirige o comportamento humano de forma independente das condições ambientais e históricas (Laurenti, 2009). Essa perspectiva, frequentemente associada a concepções mentalistas e não científicas, é vista como obstáculo ao desenvolvimento de uma ciência do comportamento.

Laurenti (2009) destaca que, no modelo skinneriano, o comportamento é mais bem explicado em termos de “seleção pelas consequências”, onde as variações comportamentais são moldadas por interações com o ambiente. Assim, o conceito de autonomia, se entendido como a ausência de causas externas ou como um atributo interno, próprio da essência da pessoa, seria inconsistente com uma abordagem científica que busca identificar relações de dependência entre o comportamento e as variáveis que o controlam. Entretanto, é importante ressaltar que esta crítica é dirigida à suposta autonomia de um agente causal interno, que determinaria o comportamento de dentro para fora, supostamente sem ser determinado por fatores externos. A noção de autonomia pessoal, relacionada à conduta do indivíduo como um todo, pode ser salvaguardada da crítica, em nome da conveniência de um jargão compartilhado entre múltiplas disciplinas (Dittrich, 2010).

A noção de um agente interno autônomo, criticada acima, está intimamente vinculada à noção de um “eu” imaterial a partir do qual o comportamento emanaria. Em termos comportamentalistas, o “eu” não é uma entidade apartada do corpo e descontextualizada do ambiente, com status causal sobre o comportamento, mas um repertório verbal complexo construído socio-historicamente, um produto das interações sociais e das contingências verbais estabelecidas pela comunidade (Laurenti & Lopes,

2024; Lopes et al., 2018). Pode-se argumentar que o que se constitui e se percebe como “eu” corresponde ao conjunto de respostas em primeira pessoa adquiridas pelo indivíduo conforme se torna progressivamente mais autônomo. Isso implica que o indivíduo aprende os comportamentos que são considerados indicadores de autonomia por exposição a contingências, modelos e regras, em ambientes sociais (como família, escola e comunidade), começando por seus cuidadores principais que são considerados como figuras de apego na Teoria do Apego que falaremos adiante.

Laurenti e Lopes (2024) discutem como se explica que haja indivíduos não completamente submissos ao sistema social vigente, se os repertórios característicos do “eu” são produto do ambiente social. Pensar e agir de acordo com seus próprios desejos, características designadas aqui como autonomia emocional, se encontra com a capacidade de discriminar e manipular as contingências que controlam seu comportamento, adquirindo relativas iniciativa e independência (também indicadores de autonomia). Isso envolve um repertório que permitirá ao indivíduo identificar variáveis controladoras e tomar medidas para alterar seu próprio comportamento (Laurenti & Lopes, 2024).

Dittrich (2010) argumenta que o termo “autonomia” pode ser ressignificado de maneira coerente com os princípios skinnerianos. Nesse contexto, a autonomia pode ser vista de forma análoga a noção skinneriana de autocontrole, em que o indivíduo aprende a manipular variáveis do ambiente para influenciar seu próprio comportamento. Longe de ser passivamente movido pelo ambiente, o indivíduo pode aprender a modificar e manipular, estrategicamente, o ambiente que oportuniza e sustenta seu comportamento, para atingir objetivos específicos. O desenvolvimento de repertórios para regulação do autocontrole pode ser promovido em práticas educativas que busquem formar indivíduos mais críticos e independentes, capazes de intervir sobre as variáveis que controlam suas ações. Nesse sentido, a autonomia deixa de ser um atributo interno, essencial ou

metafísico e passa a ser o resultado de contingências que favorecem relações de controle menos coercitivas e mais funcionais.

Essa reinterpretação permite a utilização do termo autonomia sem contradições, desde que inserido em um contexto técnico e em conformidade com uma perspectiva que leva em conta a relação de desempenhos considerados autônomos com as contingências ambientais e históricas próprias de cada indivíduo. Esta concepção de autonomia, que reconhece o caráter determinado do comportamento ao mesmo tempo que valoriza a individuação e relativa independência que caracteriza o desenvolvimento comportamental, não está presente somente na literatura comportamentalista; aparece também, por exemplo, no conceito de “autogoverno” (Allen et al., 2009). Estudiosos modernos da filosofia, direito e ética concordam que autonomia se refere a esse conceito de autogoverno (Aarts, Sankaran & Zhang, 2023).

Na vida adulta, a autonomia emergente pode ser desenvolvida através da diminuição do controle parental excessivo, do distanciamento emocional dos cuidadores, do desenvolvimento da individualização, da aquisição da responsabilidade da própria vida, das ações, decisões e comportamentos com habilidade também para a busca da cooperação quando necessário. Ela prevê pensamentos, sentimentos e decisões que envolvem o sujeito ou membros de sua família e, portanto, esse processo envolve transformações do indivíduo e transformações familiares (Reichert, 2007).

Para a análise do comportamento, os ideais de independência, autorregulação e responsabilização individual podem ser compreendidos como produtos de práticas culturais que modelam formas específicas de relação do indivíduo consigo. Tourinho (2009) propõe que a subjetividade seja entendida como fenômeno relacional, constituído historicamente por contingências sociais e práticas verbais que ensinam o indivíduo a

discriminar, descrever e avaliar sua própria experiência. Nesse sentido, a experiência subjetiva de autonomia não se reduz a uma propriedade, mas emerge de relações comportamentais complexas, nas quais o indivíduo passa a responder a contingências mais amplas e socialmente mediadas, aproximando-se do que a literatura analítico-comportamental descreve como processos de autocontrole. Tal perspectiva permite compreender que a experiência subjetiva associada à autodireção pode envolver, simultaneamente, ampliação de repertórios comportamentais e tensões decorrentes das demandas culturais que atribuem ao indivíduo a responsabilidade por regular seu próprio comportamento em contextos nem sempre sob seu controle direto podendo isso ser causador de grande sofrimento emocional.

Ao deslocar a subjetividade do campo de uma interioridade causal para o âmbito das relações comportamentais, Tourinho (2009) destaca que a forma como o indivíduo compreende e se autoavalia é inseparável das práticas culturais que organizam critérios de sucesso, independência e ajustamento.

Para este trabalho, portanto, autonomia é a capacidade de se autogovernar, sendo que haverá uma divisão didática e conceitual entre a) a própria percepção da capacidade de iniciar novas atividades e agir por conta própria, nomeada como iniciativa e independência, b) a própria percepção da possibilidade de diversificar atitudes e fazer as próprias escolhas, nomeada como autonomia atitudinal, c) a própria percepção da competência para tomar decisões e alcançar objetivos, nomeada como autonomia funcional e d) a percepção dos pensamentos, objetivos e sentimentos sentidos como próprios, nomeada como autonomia emocional (Allen et al., 2009; Barbosa, 2014).

Em Allen et al. (2009), a autonomia é definida por alguns autores através de um conjunto de variáveis, como a capacidade consciente de ter iniciativa e tomar as próprias

decisões em direção a um fim, além da capacidade de regular o próprio comportamento. Sendo ainda definida em termos de aumento da autoconfiança e autorregulação, com a maioria das definições operacionais referindo-se especificamente ao funcionamento dentro da relação pais-jovens.

A autonomia emocional é descrita pela capacidade de diferenciar a si próprio e aos pais como sujeitos separados, passíveis de erro, indivíduos falíveis. A autonomia emocional pode ainda ser definida como “o poder sobre si mesmo, a habilidade de resistir às demandas dos outros e se envolver em ações sem a permissão dos outros” (Agnew, 1984, p.220). Conforme Aarts, Sankaran e Zhang (2023), é ainda caracterizada como uma necessidade psicológica que ao ser apoiada pelo contexto em que o indivíduo está inserido promove bem-estar e realização pessoal.

Ao longo da adolescência e início da fase adulta, aqui tratado como “jovem”, ao indivíduo reverberam constantes e inúmeras mudanças que tangem identidade pessoal, relação com família e sociedade, características e capacidades genéticas, seu contexto socioeconômico, a cultura que ele está inserido, além das relações sócio-históricas do momento que esse indivíduo está contido (Kagticibasi, 2014).

No geral, o adolescente e o jovem poderão experimentar emoções dúbias ao se comportar de maneira autônoma. Conforme Barbosa (2014), observa-se uma discussão cada vez mais presente nas pesquisas sobre autonomia, ao indagar se ela seria desenvolvida pela separação e individuação em relação aos cuidadores ou concomitantemente a uma relação próxima e afetuosa com eles.

Beyers et al. (2003) exploram a ideia de que a manutenção das relações positivas, do apoio dos cuidadores principais, é importante para que a autonomia se dê. O equilíbrio entre a separação e a conectividade é fundamental para a conquista de uma autonomia

adequada e uma capacidade de independência sensível, na medida em que o desenvolvimento do agir autônomo não implica afastamento abrupto de vínculo dos cuidadores, que a possibilidade de manter relações que não limite a iniciativa de explorar possibilidades, que a independência não signifique isolamento e que esse jovem saiba que possui uma base segura. Para esse esforço entre a exploração do ambiente versus proximidade dos cuidadores, John Bowlby deu o nome “comportamento de apego” (Bowlby, 2002).

John Bowlby (2002) foi o pioneiro da Teoria do Apego. Essa teoria afirma que os indivíduos nascem biologicamente predispostos para responder às interações sociais, um processo visto como uma resposta evolutiva à predação e outras ameaças. Bowlby (2002) descreve as figuras de apego como sendo de grande importância no desenvolvimento emocional e psicológico dos indivíduos. Embora Bowlby seja mais conhecido por seu trabalho sobre o apego infantil, ele também reconheceu que os princípios do apego se aplicam ao longo da vida, incluindo os relacionamentos adultos. As experiências de apego com cuidadores durante a infância influenciam a forma como os adultos se relacionam com seus parceiros ao longo da vida, incluindo parceiros românticos, familiares e amigos.

Assim como crianças e adolescentes buscam figuras de apego para segurança e conforto, os adultos também procuram parceiros que possam proporcionar uma base segura. Um parceiro que serve como uma figura de apego pode fornecer suporte emocional e ajudar a regular o estresse e a ansiedade. A capacidade de um parceiro adulto de estar disponível e responder de maneira sensível e apropriada às necessidades emocionais de seu cônjuge é crucial para um estilo de apego seguro. Isso reflete os mesmos princípios de responsividade e sensibilidade que são importantes no apego infantil. O sistema de apego adulto será resultado do vínculo de apego na infância, das novas experiências do adolescente e da própria vida adulta, ou seja, podem modificar-se

ao longo dessas novas experiências, além de um estilo de apego principal poder ter traços de outro (Resende et al, 2018).

As emoções relacionadas à separação e à perda que Bowlby estudou em crianças são semelhantes às experiências de adultos em relacionamentos. A separação de uma figura de apego adulta pode resultar em sofrimento significativo. Essas figuras são frequentemente exemplificadas nos relacionamentos românticos. A presença de um parceiro sensível e responsivo pode promover um apego seguro, enquanto a rejeição e inconsistência na relação podem levar a padrões de apego inseguro. Além dos relacionamentos românticos, amizades íntimas e outras relações familiares também podem funcionar como figuras de apego, fornecendo suporte emocional e ajudando a lidar com desafios e adversidades, segundo pesquisa realizada na Nigéria (Jamabo & Jamabo, 2010).

A teoria de Bowlby sobre apego adulto foi expandida por outros pesquisadores, como Mary Ainsworth, que formulou categorias específicas de apego (seguro, ansioso-resistente, ansioso-esquivo e desorganizado) a partir de seu estudo com crianças. Esses estudos ampliaram a compreensão de como os padrões de apego formados na infância influenciam os comportamentos e relações na vida adulta (Ainsworth, 1979).

Os principais padrões de apego propostos pela autora são descritos em Resende et al. (2018). O estilo de apego seguro é aquele que a criança consegue brincar na presença de um estranho sabendo que o cuidador se encontra por perto e reage bem ao retorno do cuidador; na vida adulta, pessoas com esse estilo, percebem a relação com a figura de apego como mais afetuosa, amigável e confiante com facilidade de torná-la de longo prazo. No estilo de apego ansioso-resistente (ou inseguro-ambivalente), a criança parece ansiosa o tempo todo, mesmo no retorno do cuidador; quando esse estilo se apresenta na

vida adulta, demonstra-se uma maior necessidade do desejo por união e reciprocidade. No estilo de apego ansioso-esquivo (ou inseguro-evitativo), a criança fica indiferente à presença do cuidador e acalma-se com o acolhimento da pessoa estranha; indivíduos com esse estilo na vida adulta ficam incomodados com proximidade física e emocional, com maior propensão a promiscuidade, e menor comprometimento nas relações. Já no estilo de apego desorganizado (ou inseguro-desorganizado), a criança tem comportamentos contraditórios, impulsivos e perturbados em situações de estresse; os adultos com esse estilo tendem a ser relações de curto prazo e conturbadas.

Conforme Resende et al. (2018) e Barbosa (2014), a pressão seletiva para o comportamento de apego humano está na função adaptativa de garantir a segurança do filhote em relação aos predadores coespecíficos, enquanto a função da autonomia humana está no sucesso do comportamento reprodutivo e parental.

Do ponto de vista evolucionista, a capacidade de exploração do ambiente sob condições de incerteza depende de sistemas de regulação comportamental historicamente selecionados. O sistema comportamental é um conceito da etologia definido como um programa neural de integração sensório-motora, moldado ao longo da evolução, que organiza dinamicamente o comportamento do indivíduo à luz de sua ecologia proximal, de maneira que aumenta a probabilidade de sobrevivência e sucesso reprodutivo, entre os quais se destacam os sistemas de apego, de exploração, de poder, sexual e de cuidado (Mikulincer & Shaver, 2021). As bases neurais que serão ativadas no sistema são nomeadas como pânico, recompensa/conforto (*seeking*) e busca. Os autores descrevem que o sistema comportamental de apego tem como objetivos (*set-goal*): proteger do perigo, proximidade e segurança com a figura de apego e base segura para exploração. Os gatilhos para ativação desse sistema seriam: percepção de ameaça e distanciamento ou inacessibilidade da figura de apego. A eficiência da ativação, a hiperativação e

desativação desses sistemas trazem diferenças individuais importantes e podem impactar diretamente na saúde mental dos indivíduos com as variáveis de ansiedade e evitação. Evidências transculturais indicam que os modos de organização dessas interações variam amplamente em função das ecologias de desenvolvimento e das práticas culturais de cuidado, o que impõe limites a interpretações universalistas do apego (Keller, 2018).

Apesar da grande valorização e difusão da Teoria do Apego, críticas relevantes têm sido levantadas quanto à sua aplicação acrítica em contextos multiculturais. Keller (2022) argumenta que a teoria se baseia em pressupostos enraizados em ideais ocidentais de autorregulação, individuação precoce e na configuração familiar nuclear, as quais não são universais. Ao tratar uma determinada forma de socialização, centrada em um cuidador principal, sensível e responsivo, como padrão de desenvolvimento saudável (apego seguro), a teoria tende a invisibilizar outras práticas igualmente eficazes em prover cuidado e segurança, como aquelas baseadas na parentalidade distribuída. Assim, práticas culturais diversas são frequentemente interpretadas como desvios ou deficiências, o que pode conduzir a diagnósticos imprecisos e intervenções inadequadas (Keller, 2022).

Entretanto, a autora não propõe a completa negação da Teoria do Apego, mas sim sua ressignificação a partir de uma perspectiva culturalmente sensível. Keller (2022) reconhece o valor descritivo e heurístico da teoria, sobretudo em contextos que vem sendo denominados WEIRD (*Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic*), mas destaca a importância de reconsiderá-la como uma entre muitas possíveis formas de compreensão do desenvolvimento. Ao incorporar a diversidade de práticas de cuidado e os significados locais atribuídos às relações parentais, a teoria pode ser adaptada e ampliada de modo a respeitar contextos variados, sem perder sua relevância científica. Dessa forma, a crítica à sua aplicação universalizante não anula sua utilidade, mas aponta caminhos para uma abordagem mais contextualizada e inclusiva.

Essa proposta de Keller (2022) dialoga com abordagens contemporâneas que buscam compreender como o desenvolvimento humano se ajusta aos contextos nos quais está inserido. A perspectiva dos talentos ocultos, formulada por Frankenhuis et al. (2020), exemplifica esse movimento ao sugerir que indivíduos expostos a ambientes adversos, muitas vezes vistos sob a ótica do déficit, podem desenvolver competências específicas, como raciocínio social apurado, memória sensível a dinâmicas hierárquicas ou estratégias de resolução rápida de problemas em contextos imprevisíveis. Essas habilidades são adaptativas dentro de determinados ambientes e não devem ser desconsideradas em avaliações baseadas exclusivamente em padrões ocidentais de desenvolvimento. Assim, compreender o desenvolvimento a partir de uma lente cultural e contextual não implica negligenciar a importância dos vínculos afetivos, mas sim reconhecer que eles podem ser construídos e experienciados de múltiplas formas. A integração entre as críticas multiculturais à Teoria do Apego (Keller, 2022) e as contribuições empíricas sobre competências desenvolvidas em contextos de risco (Frankenhuis et al., 2020) favorece uma visão mais plural do desenvolvimento, que valoriza tanto a diversidade das trajetórias quanto a adaptabilidade dos indivíduos. Essa perspectiva é especialmente relevante em contextos educacionais, clínicos e sociais marcados por heterogeneidade cultural e desigualdades estruturais.

De acordo com os resultados encontrados nas pesquisas de Jamabo e Jamabo (2010) na Nigéria, os pais devem ser cuidadosos o suficiente para descobrir se seus filhos estão tendendo para o estilo de apego ansioso-esquivo, pois adolescentes nesse molde apresentaram resultados de autonomia que chamaram de “mais negativos” e aqueles que apresentam apego seguro obtiveram escores “mais positivos” nas variáveis de autonomia; portanto, os autores defendem que um estilo de apego seguro deveria ser encorajado. O acompanhamento familiar moderado serve como quadro de referência para o

desenvolvimento individual e o funcionamento familiar. No mesmo estudo, adolescentes com baixo nível de comprometimento domiciliar estão significativamente mais envolvidos em desfechos negativos de autonomia do que aqueles com níveis moderado e alto.

Ao abordar todo o complexo desenvolvimento comportamental na adolescência e início da vida adulta, é crucial considerar as influências do contexto socioeconômico. Como destacado por Galván (2021), fatores como o status socioeconômico impactam significativamente diversos domínios neurocognitivos, incluindo linguagem, memória, funções executivas e processamento socioemocional. O autor cita que alguns estudos nos Estados Unidos e Europa indicam que essas associações ocorrem por meio de mecanismos neurobiológicos distintos, especialmente em populações expostas a altos níveis de estresse ambiental ou adversidade crônica. Essa variabilidade enfatiza a necessidade de incluir variáveis relacionadas à renda e ao ambiente social nos estudos nessa fase do desenvolvimento, ampliando a compreensão para além de contextos culturalmente homogêneos, predominantemente ocidentais. Sem essa consideração, há o risco de desenvolver políticas e intervenções que não atendam às necessidades de jovens provenientes de diferentes contextos socioeconômicos (Galván, 2021).

Nos achados de estudos sobre variáveis e indicadores de autonomia, questionários e escalas são propostos de maneiras diferentes e complementares. De acordo com as variáveis que se pretende analisar com esse trabalho, o Questionário de Autonomia organizado por Barbosa (2014) nas pesquisas no Rio Grande do Sul perpassa pelas variáveis divididas em subescalas de independência e iniciativa, autonomia atitudinal, autonomia funcional e autonomia emocional em adolescentes e jovens.

Para avaliarmos os indicadores do sistema comportamental de apego, Mikulincer e Shaver (2021) falam sobre observação, entrevistas semiestruturadas e escalas relevantes de autorrelato. Considerando os sujeitos de pesquisa desse trabalho, considerou-se preferível uma escala que não abordasse apenas figuras de apego com viés de relações românticas, medindo os níveis de ansiedade, proximidade e busca por suporte com possibilidade de figuras de apego de quaisquer naturezas.

Diante disso, esse trabalho visa dar suporte a uma nova discussão sobre autonomia, especialmente em contextos ocidentais contemporâneos. Investigar a autonomia implica considerar não apenas seus aspectos funcionais e comportamentais, mas também os processos de subjetivação (Tourinho, 2009) envolvidos na construção social do agir autônomo, especialmente em fases do desenvolvimento nas quais expectativas sociais de autodireção tornam-se mais intensas.

A discussão é bem apropriada, já que todos aqueles que estão envolvidos na formação desse jovem são importantes para esse processo de autonomia e podem funcionar como figura de apego ao longo do processo de formação (Beyers et al. 2003). A busca da relação entre o estilo de apego adulto e indicadores de autonomia considerando a renda, conforme indica a literatura (Galván, 2021), poderá auxiliar em políticas públicas de suporte e no desenvolvimento de novas informações educativas para cuidadores.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa foi avaliar a existência de possíveis relações entre os estilos de apego e indicadores da autonomia em uma amostra de jovens brasileiros, de acordo com a renda. Para isso: a) caracterizamos o perfil sociodemográfico e econômico dos participantes; b) avaliamos os escores das variáveis de iniciativa, independência,

tomada de decisão e autonomia emocional desses jovens; c) classificamos o estilo de apego desses jovens em seguro, inseguro ansioso e inseguro evitativo; d) relacionamos o estilo de apego com os escores das variáveis de autonomia.

Método

Este foi um estudo transversal, exploratório e correlacional, com uma amostra selecionada por conveniência.

Participantes/Amostra

A Organização Mundial da Saúde considera como adolescência o intervalo entre 10 e 19 anos, e reconhece como juventude o período de 15 a 24 anos (OMS, 2018; Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2022). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) nomeia os sujeitos entre 12 e 18 anos como adolescentes, com algumas condições que permitem tal nomeação até os 21 anos.

Considerando todos esses dados e os efeitos estatísticos, para esse estudo tivemos como público-alvo os jovens entre 18 e 21 anos.

A captação dos participantes ocorreu on-line através de um link disponibilizado e divulgado nas redes sociais *WhatsApp*® e *Instagram*® em posts, stories, mensagens em grupos de pesquisadores e status das respectivas redes. A coleta de dados foi realizada on-line pelo *Google Forms*®. Critérios de inclusão: brasileiros com idade entre 18 anos e 21 anos e 11 meses. Critérios de exclusão: não ser brasileiro, ter qualquer transtorno de neurodesenvolvimento ou psicomotor com diagnóstico prévio e aqueles que não aceitassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que estava em anexo. Todos os participantes receberam por e-mail uma cópia do TCLE.

Responderam à pesquisa 251 pessoas e dentro do perfil para a amostra participaram da pesquisa 202 pessoas (idade entre 18 e 21 anos): $M = 19,7$; $DP = 1,16$. A maior parte dos participantes tinha 21 anos ($65 = 32,2\%$), seguida por 20 anos ($52 = 25,7\%$), 18 anos ($48 = 23,8\%$) e 19 anos ($37 = 18,3\%$). Os respondentes excluídos do N final apresentavam idade fora do público-alvo ou relataram, em suas respostas, características que atendem a critérios de exclusão dessa pesquisa, como diagnóstico prévio de neurodivergência ou condição neuromotora.

O tamanho amostral ideal foi estimado por meio do software *G*Power®*, considerando um delineamento de comparação entre três grupos independentes (baixa, média e alta renda) por meio de ANOVA de um fator. Foram adotados os parâmetros convencionais de poder estatístico $(1-\beta) = 0,80$, nível de significância $\alpha = 0,05$ e tamanho de efeito moderado ($f = 0,25$), conforme as diretrizes de Cohen (1988). A estimativa indicou a necessidade de aproximadamente 159 participantes, sendo 53 por grupo, para detectar efeitos de magnitude média com probabilidade de erro tipo II inferior a 20%.

Tabela 1

Frequências de GRUPO RENDA

GRUPO RENDA	Contagens	% do Total
BAIXA	96	47.5%
MÉDIA	41	20.3%
ALTA	65	32.2%

Assim, a amostra totalizou 202 participantes, distribuídos, conforme a Tabela 1, em 96 do grupo de baixa renda, 41 do grupo de renda média e 65 do grupo de alta renda, atendendo e superando (em seu total) o número mínimo recomendado para o poder de teste especificado. Para fins de contextualização, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que a renda domiciliar per capita média nacional em 2024 foi de R\$ 2.069, equivalente a aproximadamente 1,47 salários-mínimos, enquanto a região Norte apresentou média de R\$ 1.401, o que corresponde a cerca de 0,99 salário-mínimo. Assim, a distribuição de renda observada na amostra reflete de forma coerente a realidade socioeconômica regional e nacional, justificando o recorte em três faixas adotado para as análises de comparação entre grupos: menor que 3 salários-mínimos, 3 a 6 salários-mínimos e maior que 6 salários-mínimos.

Considerações éticas

A pesquisa seguiu os preceitos éticos de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, foi submetida e aprovada pelo Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará com número de parecer 7.548.859.

Todos os participantes tiveram acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) logo no início da pesquisa (Anexo A).

O risco envolvido na pesquisa seria a divulgação da identidade dos participantes e para evitá-lo, omitimos nomes e informações de dados pessoais. Não houve e não há benefícios diretos para os participantes, mas para a área de conhecimento acerca da autonomia e a relação com o estilo de apego de jovens brasileiros, possibilitando novos estudos na área.

Instrumentos/Materiais/Aparato

Para a coleta de dados, os instrumentos de pesquisa foram três, autoaplicados e reproduzidos em totalidade em um questionário on-line no *Google Forms*[®], conforme a ordem a seguir: 1) Questionário socioeconômico e demográfico; 2) QAA – Questionário de Autonomia em Adolescentes e Jovens; e 3) *Collins and Read Revised Adult Attachment Scale* (RAAS). Por serem instrumentos de autorrelato, deve-se considerar que os dados coletados foram de acordo com a percepção do próprio participante e suscetíveis a vieses de respostas reconhecidos na literatura específica (Latkin et al., 2017).

Questionário socioeconômico e demográfico

O questionário geral foi formulado pela própria autora com a intenção de caracterizar a amostra, na qual buscou-se examinar aspectos como idade, sexo, estado civil, grau de escolaridade, com quem reside, número de pessoas residentes no domicílio, renda familiar, entre outros. O formulário consta como Anexo B neste documento.

Questionário QAA

Na sequência do questionário demográfico, foi aplicada uma versão brasileira do Questionário de Autonomia (Noom, Dekovic & Meeus, 2001). Essa é uma escala de autorrelato composta por três subescalas contendo cinco itens em cada (autonomia funcional, atitudinal e emocional) respondidas numa escala tipo Likert de cinco pontos (1=discordo completamente; 5=concordo completamente). A validação desse questionário foi realizada por Barbosa (2014), que propôs uma nova divisão entre Autonomia Funcional, Iniciativa e Independência, Autonomia Emocional e Autonomia Atitudinal. O questionário consta como Anexo C neste documento.

Foram feitas Análises de Fiabilidade (α de Cronbach) nas Escalas utilizadas. As subsescalas de Autonomia em conjunto total de itens (Barbosa, 2014) apresentaram

consistência interna satisfatória, sendo Autonomia Funcional $\alpha=0,820$, Autonomia de Iniciativa/Independência $\alpha=0,707$, Autonomia Emocional $\alpha=0,684$, Autonomia Atitudinal $\alpha=0,779$ e todos os itens sendo chamada de Autonomia Geral $\alpha=0,885$.

RAAS – Escala de Estilo de Relacionamento

A Escala Revisada de Apego Adulto de Collins e colaboradores (AAS – Collins & Read, 1990; RAAS – Collins, 1996) possui quatro categorias de classificação por autorrelato: seguro (visão positiva de si mesmo e dos outros), inseguro e ansioso (visão positiva dos outros, negativa de si mesmo), evitativo medroso (visão negativa dos outros e de si mesmo) e evitativo rejeitador (visão positiva de si mesmo, negativa dos outros). Essa escala teve validação conforme Teixeira et al. (2019) e será utilizada neste trabalho com o nome de Escala de Estilo de Relacionamento. A escala consta como Anexo D neste documento.

Sobre a análise de fiabilidade realizada nessa escala, temos: as subescalas de Ansiedade e Evitação junto com a Escala de total de Estilos de Apego (Collins, 1996) também apresentaram consistência satisfatória a excelente, sendo Ansiedade $\alpha=0,914$, Evitação $\alpha=0,859$ e Apego $\alpha=0,906$.

Após a coleta, os dados foram importados do *Google Forms*® para uma planilha de Excel®. Para a análise exploratória e estatística dos escores dos questionários e escala foi utilizado os softwares Jamovi 2.7.5®, RStudio® e R4.5.1®.

Resultados e Discussão

Análise Descritiva

Dos 202 participantes, quanto à autodeclaração de cor/raça, 50,5% se identificaram como brancos, 31,2% pardos, 14,4% negros, 2,0% amarelos e 2,0% indígenas. Essa distribuição revela predominância de participantes brancos e pardos, mas com representação relevante de diversidade racial dentro do grupo.

A maioria da amostra teve o sexo atribuído como feminino no nascimento (69,3%) e mantém identificação de gênero feminina (64,9%). Além disso, 28,7% se identificam como masculinos, 5,0% como não binários, e 1,5% preferiram não responder. Essa composição indica pluralidade de identidades de gênero, com predominância feminina, mas presença de pessoas com outras identidades.

Quanto à orientação sexual, 52,0% se identificaram como heterossexuais e 29,7% como bissexuais. Outros grupos representativos foram homossexuais (8,4%), assexuais (4,0%) e pansexuais (3,5%). Categorias menos frequentes incluíram lésbicas (1,0%), assexual e bissexual (0,5%), “questionando” (0,5%) e lésbica e assexual (0,5%). Esses dados refletem diversidade afetivo-sexual significativa, característica comum em amostras jovens e urbanas (Prado & Machado, 2021).

Quando questionados sobre o status de relacionamento, a maioria dos participantes estava solteira (60,9%), seguida por pessoas namorando (35,6%). Casamentos e uniões estáveis foram minoritários (3%). Esse padrão é esperado para a faixa etária estudada, ainda em transição para a vida adulta (Arnett, 2000).

Na amostra, predominam indivíduos em curso de nível superior (67,3%), seguidos por ensino médio completo (16,8%) e ainda cursando o ensino médio (8,9%). Um número reduzido já concluiu o ensino superior (1,0%) ou técnico (1,5%). Embora o conceito WEIRD esteja associado a países ocidentais desenvolvidos, a presente amostra, por ser altamente escolarizada e composta majoritariamente por estudantes universitários,

apresenta características que indicam forte inserção em contextos educacionais formais, aspecto típico de populações WEIRD (Keller, 2022).

A maioria reside com os pais ou responsáveis (69,3%), enquanto 10,9% vivem com parentes, 5,4% sozinhos, 5,0% em repúblicas e 4,5% com amigos. Apenas 4,0% vivem com cônjuge ou companheiro(a). Esse padrão é coerente com jovens em fase de formação, economicamente dependentes ou parcialmente autônomos (Silva & Faria, 2020).

Em relação à ocupação, 51,0% apenas estudam, 37,1% estudam e trabalham, 8,4% apenas trabalham e 3,5% não possuem atividade fixa. Esses dados reforçam que se trata de uma amostra predominantemente estudantil, com parte já inserida no mercado de trabalho.

A renda familiar concentrou-se entre 1 e 3 salários-mínimos (36,1%), seguida por 3 a 6 salários (20,3%), 6 a 10 salários (17,3%), menos de 1 salário (11,4%) e 10 salários ou mais (14,9%). Metade dos participantes (52,5%) não contribui com a renda familiar, enquanto 32,7% contribuem com até 1 salário-mínimo e 14,9% com valores superiores. Além disso, 41,1% nunca contribuíram e 12,9% já contribuíram em algum momento, mas no momento da pesquisa encontravam-se desempregados. Esses dados revelam heterogeneidade socioeconômica, com predomínio de jovens de baixa a média renda, economicamente sustentados por suas famílias.

A amostra abrange 24 estados brasileiros e o exterior, com maior concentração em São Paulo (30,2%) e Pará (21,3%), seguidos por Rio de Janeiro (8,9%) e Ceará (5,9%). A Tabela 2, mostra que, regionalmente, a maioria nasceu no Sudeste (45,0%), seguida pelo Norte (24,3%), Nordeste (17,8%), Sul (9,4%) e Centro-Oeste (3,5%).

Tabela 2

Frequências por REGIÃO DE NASCIMENTO

REGIÃO QUE NASCEU	Contagens	% do Total
Centro-Oeste	7	3.5%
Nordeste	36	17.8%
Norte	49	24.3%
Sudeste	91	45.0%
Sul	19	9.4%

Quanto à moradia atual, a Tabela 3 apresenta percentuais semelhantes: Sudeste (40,1%), Norte (25,7%), Nordeste (13,4%), Sul (8,9%), Centro-Oeste (3,5%) e Exterior (8,4%). Esses dados demonstram abrangência geográfica ampla, com forte representação das regiões Sudeste e Norte, compatível com amostras de pesquisas remotas ou virtuais de abrangência nacional.

Tabela 3

Frequências por REGIÃO DE MORADIA ATUAL

REGIÃO ONDE MORA	Contagens	% do Total
Centro-Oeste	7	3.5%
Exterior	17	8.4%
Nordeste	27	13.4%
Norte	52	25.7%
Sudeste	81	40.1%
Sul	18	8.9%

Em conjunto, os resultados descritivos demonstram que essa amostra de jovens é diversa e com predominância de estudantes de nível superior, residentes principalmente

nas regiões Sudeste e Norte do Brasil. Há variação considerável nas condições socioeconômicas e familiares, com predominância de renda até seis salários-mínimos e forte dependência financeira dos pais.

A diversidade de gênero e orientação sexual é marcante, refletindo uma amostra sensível a questões de identidade e pertencimento, o que pode ser relevante para compreender os padrões de autonomia e apego a serem analisados em novos estudos.

A Tabela 4 apresenta as estatísticas descritivas referentes às quatro dimensões da Escala de Autonomia, bem como a média geral. Além disso, ela também apresenta as estatísticas descritivas referentes aos escores de ansiedade e evitação que se referem à escala de apego.

Tabela 4

Média descritiva dos Escores – AUTONOMIA E APEGO

	Média	Mediana	Desvio-padrão	Shapiro-Wilk	
				W	P
Autonomia Funcional	3.34	3.40	0.761	0.987	0.073
Autonomia de Iniciativa e Independência	3.46	3.50	0.712	0.978	0.003
Autonomia Emocional	3.44	3.50	0.755	0.984	0.018
Autonomia Atitudinal	3.27	3.40	0.862	0.963	<.001
Autonomia Geral	3.38	3.43	0.609	0.991	0.257
Ansiedade (Apego)	2.92	3.00	1.167	0.950	<.001
Evitação (Apego)	2.77	2.83	0.752	0.985	0.035

Observa-se que todas as subescalas apresentaram médias acima do ponto médio da escala (3), indicando níveis predominantemente moderados a elevados de autonomia entre os participantes. A dimensão funcional apresentou as maiores pontuações médias, sugerindo que os participantes tendem a perceber-se como capazes de lidar de forma independente com as demandas práticas do cotidiano. Já a autonomia atitudinal apresentou médias ligeiramente inferiores, indicando maior variabilidade nas atitudes de autoconfiança e autodeterminação diante de contextos sociais ou institucionais. As dimensões emocional e de iniciativa/independência situaram-se em níveis intermediários, apontando para uma percepção equilibrada entre a capacidade de autorregulação afetiva e a disposição para tomar decisões próprias.

A análise da distribuição das respostas revelou que apenas a dimensão funcional apresentou distribuição aproximadamente normal, enquanto as dimensões iniciativa/independência, emocional e atitudinal indicou rejeição da normalidade, segundo o teste de Shapiro-Wilk. Esses resultados sugerem a presença de assimetrias, possivelmente associadas à concentração de escores mais elevados, um padrão frequente em medidas de competências percebidas. Consideradas em conjunto, as quatro dimensões mostraram-se coerentes, indicando que a variável autonomia tende a se manifestar de forma integrada nas diferentes esferas avaliadas.

Em relação às dimensões do apego adulto, avaliadas pela Escala de Estilo de Relacionamento de Collins e Read, observou-se que a ansiedade apresentou média abaixo de 3 (o que seria considerado apego seguro), enquanto a mediana ficou igual a 3 (já sendo considerado apego inseguro, preocupado ou medroso, a depender da evitação). Ainda assim, a variável indicou na amostra uma tendência central próxima ao ponto médio da escala e certa dispersão dos escores entre os participantes. O teste de Shapiro-Wilk indicou rejeição da normalidade, sugerindo assimetria e concentração de respostas em

níveis intermediários ou superiores de ansiedade. Já a evitação de apego apresentou média de 2,77 e mediana de 2,83 (ambos dentro do estilo de apego seguro), também próxima ao ponto médio da escala, com menor variabilidade em relação à ansiedade. O teste de normalidade indicou rejeição marginal da normalidade e leve assimetria na distribuição.

De modo geral, as médias obtidas nas dimensões de ansiedade e evitação indicam padrões de apego predominantemente intermediários, caracterizados por níveis moderados de preocupação com a disponibilidade e evitação do outro, perfil esperado em amostras não clínicas (Collins & Read, 1990) e compatível com a variabilidade típica observada em estudos populacionais sobre apego e autonomia (Arnett & Tanner 2016).

Através do nível de ansiedade e evitação do participante avaliado na escala de Collins, foi possível agrupá-los de formas diferentes: em 2 grandes categorias, sendo elas denominadas como estilo de apego seguro (baixa evitação e baixa ansiedade, em relação a média) e estilo de apego inseguro (independente de qual); ou em 4 categorias, sendo estilo de apego seguro (baixa evitação e baixa ansiedade) e 3 as divisões do estilo de apego inseguro, sendo elas: estilo de apego inseguro ansioso medroso (alta evitação e alta ansiedade), estilo de apego inseguro ansioso preocupado (alta ansiedade e baixa evitação) e estilo de apego inseguro evitativo (alta evitação e baixa ansiedade).

Tabela 5

Agrupamento em 2 Estilos de Apego

2 ESTILO DE APEGO	Contagens	% do Total
Inseguro	122	60.4%
Seguro	80	39.6%

Tabela 6*Agrupamento em 4 Estilos de Apego*

ESTILO DE APEGO (4)	Contagens	% do Total
Ansioso Medroso	68	33.7%
Ansioso Preocupado	37	18.3%
Evitativo	17	8.4%
Seguro	80	39.6%

Observa-se que quando agrupada em apenas 2 estilos de apego, a maior parte da amostra tem estilo de apego inseguro, correspondendo a 60,4%; já o estilo de apego seguro correspondendo a 39,6%. Quando separamos em 4 estilos de apego, a maioria da amostra se caracteriza com estilo de apego seguro perfazendo 39,6%, seguido do estilo de apego inseguro medroso (33,7%), na sequência estilo de apego inseguro preocupado (18,3%) e, por fim, 17 participantes com estilo de apego inseguro evitativo correspondendo a 8,4% da amostra.

Associação entre Apego e Autonomia

Tabela 7

Matriz de Correlações das médias dos escores de Autonomia e Variáveis de Apego

		Auton Funcio	Auton Indep/ Iniciativ	Auton Emocion	Auton Atitud	Auton Geral	Ansieda	Evitação
Auton Funcional	Spear	—						
	GI	—						
	valor-p	—						
Auton Indepen/ Iniciativa	Spear	0.576* **	—					
	GI	200	—					
	valor-p	<.001	—					
Auton Emocion	Spear	0.398***	0.379** *	—				
	GI	200	200	—				
	valor-p	<.001	<.001	—				
Auton Atitudin	Spear	0.616***	0.519** *	0.386* **	—			
	GI	200	200	200	—			
	valor-p	<.001	<.001	<.001	—			
Auton Geral	Spear	0.818***	0.773** *	0.685* **	0.806* **	—		
	GI	200	200	200	200	—		
	valor-p	<.001	<.001	<.001	<.001	—		

Ansiedad	Spear	-	-	-	-	-	—
		0.452***	0.332** *	0.290* **	0.469* **	0.474* **	
	GI	200	200	200	200	200	—
	valor -p	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	—
Evitación	Spear	-	-	-	-	-	0.552* **
		0.448***	0.210**	0.171* **	0.362* **	0.359* **	
	GI	200	200	200	200	200	200
	valor -p	<.001	0.003	0.015	<.001	<.001	<.001

Nota. * p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Foi feita uma análise de correlação entre os escores de autonomia (funcional, iniciativa/independência, emocional, atitudinal e média geral) e as dimensões do estilo de apego adulto (ansiedade e evitação), utilizando o coeficiente de Spearman, em razão da rejeição de normalidade em boa parte das variáveis. Observou-se que todas as dimensões de autonomia se correlacionaram negativamente e de forma significativa com as dimensões de apego, especialmente com a ansiedade (variando entre -0,29 e -0,47) e, em menor magnitude, com a evitação (variando entre -0,17 e -0,45). Esses resultados indicam que níveis mais elevados de autonomia estão associados a menores níveis de ansiedade e evitação nas relações de afeto, sugerindo que indivíduos com maior autopercepção de independência funcional, emocional e atitudinal tendem a apresentar padrões de apego mais seguros, conforme proposto nos modelos de apego adulto de Collins e Read (1990).

De modo geral, o conjunto das correlações aponta que a autonomia se associa inversamente às estruturas de apego inseguro, reforçando a hipótese de que a capacidade de autorregulação e independência pessoal tende a se desenvolver de forma mais estável em contextos de apego seguro e de investimento parental responsivo.

Conforme Anexo E, a análise de regressão linear indicou um modelo estatisticamente significativo, com $R = 0,502$, $R^2 = 0,252$, $F = 16,6$, $p < 0,001$, demonstrando que o conjunto de preditores explicou 25,2% da variância total da autonomia geral. Entre as variáveis incluídas no modelo, as variáveis de ansiedade e evitação no apego apresentaram efeitos negativos significativos sobre a autonomia ($\beta = -0,202$, $p < 0,001$; $\beta = -0,129$, $p = 0,040$, respectivamente), indicando que quanto maiores os níveis de dificuldade apresentado na percepção do apego do sujeito, menor tende a ser o nível de autonomia apresentado na amostra.

Os pressupostos da regressão foram atendidos: o teste de Durbin-Watson indicou ausência de autocorrelação dos resíduos, o teste de Shapiro-Wilk confirmou normalidade, e os valores de VIF mostraram ausência de problemas entre preditores. Esses indicadores reforçam a consistência estatística do modelo e sustentam a conclusão de que as características relacionais de apego foram preditores da autonomia nesta amostra. Tal achado é coerente com a literatura que relaciona maior segurança afetiva a maior capacidade de autogerenciamento e regulação emocional, destacando o papel do vínculo interpessoal na consolidação da autonomia dos jovens para a vida adulta.

Também foi feita uma ANOVA de um fator para entender a relação entre as médias dos fatores de autonomia, em relação às categorias de estilo de apego.

Tabela 8*ANOVA a um fator (Welch)-Subescalas de Autonomia e Estilos de Apego*

	F	gl1	gl2	P
Autonomia Funcional	40.76	1	173	<.001
Autonomia de Iniciat/Indep	15.49	1	175	<.001
Autonomia Emocional	6.08	1	168	0.015
Autonomia Atitudinal	38.87	1	164	<.001
Autonomia Geral	37.40	1	160	<.001

Descritivas de Grupo

	Apego	N	Média	Desvio-padrão	Erro-padrão
Autonomia Funcional	Inseguro	122	3.09	0.705	0.0638
	Seguro	80	3.72	0.684	0.0764
Autonomia de Iniciat/Indep	Inseguro	122	3.31	0.702	0.0636
	Seguro	80	3.69	0.666	0.0744
Autonomia Emocional	Inseguro	122	3.33	0.743	0.0673
	Seguro	80	3.60	0.749	0.0837
Autonomia Atitudinal	Inseguro	122	2.99	0.777	0.0704
	Seguro	80	3.70	0.808	0.0904
Autonomia Geral	Inseguro	122	3.18	0.541	0.0490
	Seguro	80	3.68	0.585	0.0655

A análise de ANOVA revelou diferenças altamente significativas entre os estilos de apego quando divididos em dois, seguro e inseguro, em todas as dimensões da autonomia. Os resultados mostraram efeitos robustos para a autonomia geral ($F= 37,40$), funcional ($F= 40,76$), iniciativa/independência ($F=15,49$), emocional ($F= 6,08$) e atitudinal ($F= 38,87$). Em todas as dimensões, os participantes com apego seguro apresentaram médias de autonomia significativamente maiores do que aqueles com apego inseguro. Por exemplo, na autonomia geral, as médias foram 3,68 para seguro e 3,18 para inseguro; na funcional, 3,72 e 3,09, respectivamente.

As análises post-hoc de Games-Howell confirmaram a significância dessas diferenças em todos os casos. Essa análise e as verificações de pressupostos podem ser observadas no Anexo F nas tabelas 9 e 10.

Também foi realizada uma ANOVA de um fator para entender a relação entre autonomia, apego e renda.

Tabela 11

ANOVA a um fator (Welch) – RENDA

	F	gl1	gl2	P
Média – Autonomia Geral	4.50	2	114.5	0.013
Média – Ansiedade	9.69	2	108.7	<.001
Média - Evitação	15.92	2	95.1	<.001

Descritivas de Grupo

	Grupo de Renda	N	Média	Desvio-padrão	Erro-padrão
Média – Autonomia Geral	Alta	65	3.54	0.609	0.0756
	Baixa	96	3.32	0.644	0.0658
	Média	41	3.24	0.461	0.0720
Média – Ansiedade	Alta	65	2.41	1.164	0.1444
	Baixa	96	3.18	1.146	0.1169
	Média	41	3.14	0.960	0.1500
Média – Evitação	Alta	65	2.39	0.748	0.0927
	Baixa	96	3.03	0.628	0.0641
	Média	41	2.75	0.788	0.1231

A análise de variância (ANOVA) indicou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de renda em relação à autonomia geral e às dimensões do apego, tanto ansiedade quanto evitação. As médias revelaram que o grupo de alta renda apresentou maior autonomia geral do que os grupos de baixa e média renda, indicando uma tendência de elevação da autonomia conforme o aumento da renda. Nas dimensões de apego, participantes de baixa renda exibiram médias mais elevadas em ansiedade e evitação, enquanto os de alta renda obtiveram médias menores nessas dimensões, o que sugere maior segurança relacional entre indivíduos de níveis socioeconômicos mais altos.

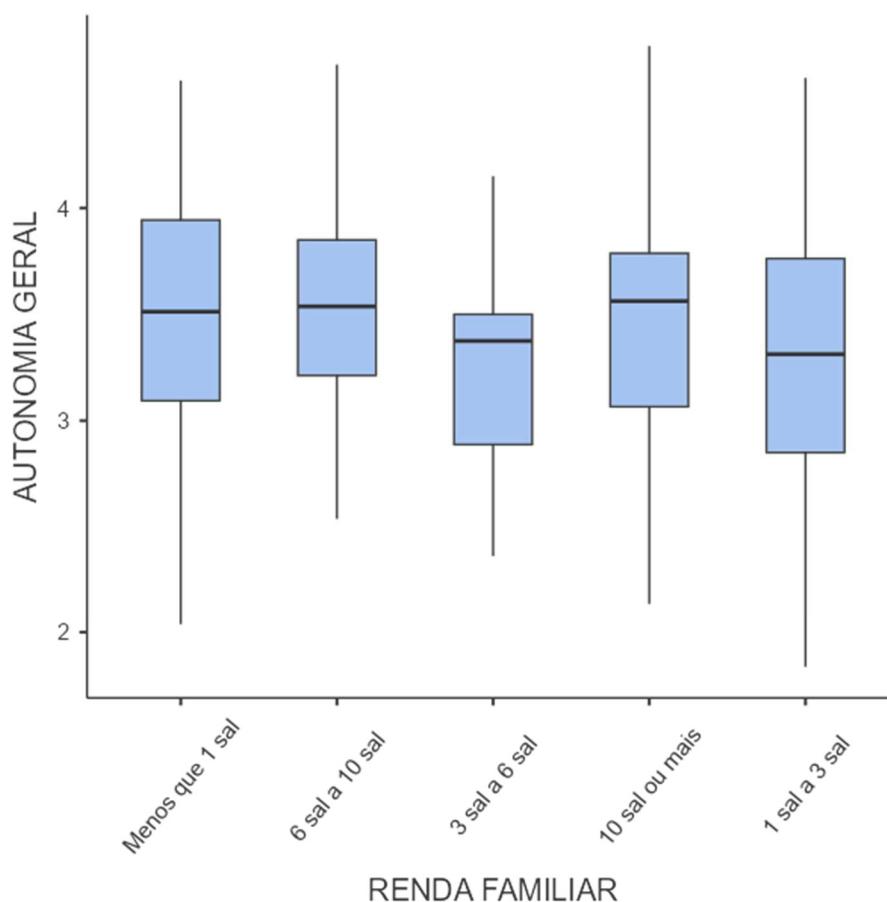
Nas tabelas 12 e 13 temos as verificações de pressupostos e os testes de post-hoc, ambas se encontram no anexo F.

Os testes de post-hoc de Games-Howell confirmaram que as diferenças significativas ocorreram principalmente entre os extremos de renda. No caso da autonomia geral, a diferença entre alta e média renda foi significativa ($p = 0,012$), enquanto para as variáveis de apego, as comparações entre alta e baixa renda mostraram efeitos mais robustos. Os pressupostos estatísticos foram adequadamente atendidos: o teste de Shapiro-Wilk indicou normalidade dos resíduos ($p = 0,302$ para autonomia geral), e o uso da correção de Welch garantiu robustez nas pequenas variações de homogeneidade de variância. Esses resultados apontam que, embora a renda exerça um papel secundário em relação aos padrões de apego na predição da autonomia (como confirmado pela regressão), há uma tendência consistente de que maior estabilidade econômica está associada a níveis mais altos de autonomia e menores índices de insegurança no apego, reforçando a interdependência entre fatores socioeconômicos e emocionais no desenvolvimento adulto.

Para complementar acerca do fator renda, utilizamos as médias descritivas da autonomia geral com a renda familiar dos participantes da amostra para agrupar no gráfico 1. Com isso, apontamos com mais consistência a tendência secundária dessa variável para essa amostra.

Gráfico 1

Autonomia Geral e Renda Familiar



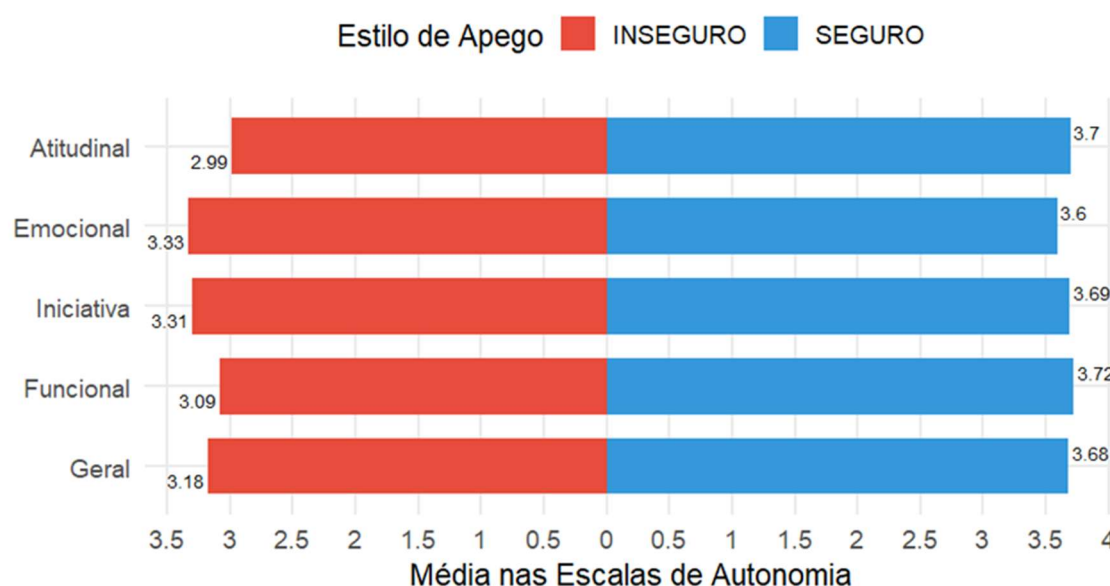
Quando realizada a ANOVA de um fator considerando a idade dos participantes, as diferenças foram significativas apenas na autonomia geral. As dimensões de apego ansioso e apego evitativo não alcançaram significância estatística. As médias indicaram que participantes com 19 anos apresentaram a maior autonomia (3,71), enquanto os de 18, 20 e 21 anos mostraram valores próximos e inferiores (3,29; 3,32; 3,29, respectivamente). Os testes pós hoc de Games-Howell confirmaram que a diferença significativa ocorreu entre os grupos de 18 e 19 anos ($p = 0,013$), bem como entre 19 e 20 anos ($p = 0,021$) e 19 e 21 anos ($p = 0,010$), evidenciando que a autonomia é ligeiramente mais elevada entre os participantes que se encontram em torno dos 19 anos

que pode refletir um momento de transição e consolidação de independência (Arnett, 2000).

Comparativamente, o estilo de apego produziu efeitos muito mais expressivos sobre a autonomia do que as variáveis renda ou idade, o que confere coerência e profundidade aos resultados observados nas análises anteriores, representado na Figura 1.

Figura 1

Autonomia por Estilo de Apego em 2 categorias



Ao comparar os resultados analisados, observamos direções hierarquizadas dos efeitos sobre a autonomia. O estilo de apego apresentou o efeito mais expressivo e consistente, produzindo diferenças significativas em todas as dimensões da autonomia, com médias mais altas entre participantes de apego seguro. Esse padrão indica uma associação robusta entre estilo de apego adulto e autonomia funcional, atitudinal e emocional, sustentando a hipótese de que a qualidade dos vínculos afetivos é um fator preditor do comportamento autônomo para essa amostra. Em segundo plano, a renda mostrou um efeito mais discreto; apesar da autonomia tender a aumentar com o nível

socioeconômico, o impacto é menos amplo e perde significância quando controladas as variáveis de apego. Já a idade exerceu influência pontual, restrita à autonomia geral, com leve superioridade entre os participantes de 19 anos, o que pode refletir um momento de transição para a vida adulta, mais do que um efeito de idade contínuo. Assim, a direção dos resultados sugere que a autonomia é predominantemente moldada por fatores afetivos (apego), moderadamente associada a condições econômicas (renda) e apenas marginalmente influenciada por características demográficas (idade).

Evidências empíricas indicam que, quando o jovem dispõe de figuras de referência sensíveis e responsivas, que aceitam sua dependência inicial e modulam gradualmente sua disponibilidade, criam-se condições para que comportamentos de iniciativa sejam evocados e fortalecidos ao longo do tempo. Esse processo favorece o desenvolvimento da autonomia funcional, à medida que o indivíduo passa a resolver demandas práticas de forma mais independente; da autonomia emocional, ao ampliar sua capacidade de autorregulação diante de desafios e frustrações; e da independência comportamental, expressa pela exploração ativa do ambiente e pela persistência em metas pessoais. Assim, a retirada progressiva da base segura cria oportunidades que sustentam a transição gradual da dependência para padrões mais amplos e estáveis de funcionamento autônomo sem fragilizar o desenvolvimento (Feeney, 2007).

Um estudo recente, longitudinal com participantes australianos reforça essa articulação teórica ao demonstrar que adultos de 30 anos (o estudo teve início uma década antes) com maior confiança em si e nos outros apresentam maior satisfação com a vida (Blake et al., 2024). Esses achados sustentam a compreensão de que a autonomia emerge de histórias relacionais que favorecem segurança, exploração e consolidação de repertórios autônomos ao longo do desenvolvimento. É importante que o jovem tenha com quem contar, a promoção de uma autonomia robusta é uma questão de saúde mental.

O estudo com jovens e adultos de Blake et al. (2024) demonstra a importância de estudos longitudinais e, conforme Sagone et al. (2023), uma limitação a ser destacada do presente estudo é o seu delineamento transversal, pois acompanhar o desenvolvimento da autonomia desses jovens até a robustez adulta permitiria atribuir causalidade ou não ao estilo de apego em evidência. Vale ainda ressaltar que o autorrelato é uma limitação acerca da percepção de cada jovem e não necessariamente do repertório adquirido ou de fato desempenhado.

Embora a literatura aponte a relevância de fatores socioeconômicos para o desenvolvimento da autonomia (Galván, 2021), os resultados do presente estudo indicam que variáveis relacionais, como o estilo de apego, apresentam associação mais direta com as dimensões de autonomia. A renda pode ser compreendida como uma variável contextual que pode se modificar com uma frequência maior, enquanto o apego reflete padrões comportamentais estabelecidos no ambiente do indivíduo refletindo o cuidado e a responsividade de forma mais rígida. Nesse sentido, os efeitos do contexto econômico podem operar indiretamente, mediados pela qualidade das interações iniciais e pelas histórias de reforçamento associadas às relações de cuidado. Tal interpretação mantém consonância com modelos evolucionistas do apego, nos quais a segurança relacional favorece comportamentos exploratórios e o desenvolvimento progressivo da autonomia, independentemente de variações socioeconômicas específicas. Além disso, vale ressaltar que a amostra relativa homogeneidade em termos socioeconômicos, o que implica uma limitação para a realização de comparações mais robustas entre grupos. Ainda que a renda seja apontada como um fator relevante na literatura, sua influência pode não expressar grande significância em contextos amostrais mais homogêneos, como o da presente pesquisa.

Os resultados desse presente estudo convergem com evidências empíricas recentes que indicam que a autonomia emocional está mais associada ao apego seguro do que ao inseguro evitativo. Num estudo transversal com jovens e com adultos italianos, Sagone et al. (2023) demonstraram que indivíduos com estilo de apego seguro apresentaram maiores níveis de bem-estar, incluindo a dimensão de autonomia psicológica avaliada pelas escalas de Ryff, semelhante a autonomia emocional desse presente estudo. Em contraste, estilos de apego inseguros, especialmente aqueles marcados por necessidade de aprovação, desconforto com proximidade e pela percepção de relações como secundárias (evitativo), estiveram consistentemente associados a menores níveis de bem-estar e autonomia psicológica. Esses achados reforçam a concepção de que a autonomia emerge da possibilidade de autorregulação comportamental e emocional sustentada por vínculos percebidos como seguros, nos quais o indivíduo pode alternar flexivelmente entre dependência e independência. Por outro lado, o apego inseguro parece operar como um fator limitador da autonomia, seja por meio da dependência excessiva de validação externa, seja por estratégias defensivas de esquiva relacional.

Considerações Finais

Ao revisitar a literatura e recentes estudos, a partir da perspectiva das relações de apego ao longo do desenvolvimento, pode-se compreender que a autonomia emerge da presença de uma base segura que, progressivamente, se reorganiza em função das novas demandas do ambiente. A autonomia se configura como um desdobramento funcional de histórias relacionais nas quais a proximidade foi suficientemente estável para sustentar a exploração.

A amostra dessa pesquisa identificou uma relação significativa entre todas as dimensões de autonomia (funcional, atitudinal, iniciativa, independência, emocional) e as variáveis de apego (ansiedade e evitação). Essa correlação foi negativa, ou seja, quanto mais autonomia menor a ansiedade e a evitação. Assim sendo, as pessoas com estilo de apego seguro (menores índices de ansiedade e evitação) apresentaram maiores escores de autonomia em todas as subescalas. Esse padrão sugere que a autonomia, mais do que um traço individual isolado, pode ser compreendida como um repertório sensível à qualidade das contingências relacionais ao longo do desenvolvimento.

Ou seja, ao adquirir repertórios de autonomia, conforme proposta por Barbosa (2014), o indivíduo opera de forma autorregulada e adaptativa diante das demandas do ambiente. Sob a perspectiva da teoria do apego, Bowlby (2002) já apontava que a exploração autônoma do ambiente depende do funcionamento adequado do sistema de apego, no qual a figura cuidadora opera como base segura, possibilitando afastamentos progressivos sem ruptura do vínculo. Os dados do presente estudo parecem sustentar empiricamente essa articulação, ao indicar que padrões de menor ansiedade e evitação estão associados a maior amplitude e flexibilidade nos repertórios de ação do indivíduo. E ainda nesse contexto, como vimos, para este grupo, essas variáveis relacionais associadas ao cuidado mostraram-se mais diretamente relacionadas à autonomia do que fatores socioeconômicos, possivelmente em função da relativa homogeneidade da amostra nesse último aspecto.

Os resultados apresentados permitem avançar na compreensão da autonomia como um produto de histórias relacionais marcadas por previsibilidade e responsividade. Jovens com estilo de apego seguro apresentaram níveis mais elevados em todas as dimensões de autonomia avaliadas, sugerindo que a segurança relacional pode constituir uma condição facilitadora para a ampliação do repertório comportamental e para o

engajamento exploratório. A autonomia pode ser compreendida como efeito de contingências nas quais comportamentos de iniciativa e autorregulação foram consistentemente seguidos por consequências estáveis e não punitivas. Nessa direção, a autonomia pode deixar de ser entendida apenas como um ideal de independência e passa a ser concebida como um conjunto de interação com o ambiente caracterizado por maior sensibilidade a contingências e maior variabilidade comportamental funcional.

Em consonância com modelos evolucionistas do apego, tais achados reforçam a hipótese de que sistemas de proximidade e exploração operam de forma complementar, de modo que a autonomia se desenvolve a partir da experiência prévia de dependência segura. Essa complementaridade sugere que contextos que favorecem a segurança relacional não apenas protegem o indivíduo, mas também ampliam sua capacidade de adaptação a ambientes complexos e variáveis. Nesse sentido, a autonomia pode ser compreendida como um indicador funcional de um ambiente seguro ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Estudos futuros podem aprofundar essa articulação por meio de pesquisas longitudinais e da investigação de variáveis contextuais, culturais e clínicas dos repertórios autônomos ao longo do desenvolvimento do jovem brasileiro.

Referências

- Aarts, H.; Sankaran S. & Zhang, C. (2023). A functional analysis of personal autonomy: How restricting ‘what’, ‘when’ and ‘how’ affects experienced agency and goal motivation, *European Journal of Social Psychology*, 53, 567-584. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2923>
- Agnew, R. (1984). Autonomy and delinquency, *Sociological Perspectives*, 27(2), 219-240. <https://doi.org/10.2307/1389019>
- Ainsworth, M. (1979) Infant—Mother Attachment, *American Psychologist*, 34(10), 932-937.
- Allen J.P.; Hare a, L.; Mcelhaney K. B.; & Stephenson J. C. (2009) Attachment and Autonomy During Adolescence, *Handbook of Adolescent Psychology* (pp. 358-403).
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Arnett, J. J., & Tanner, J. L. (2016). Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties (2nd ed.). Oxford University Press.
- Barbosa, A. J. G. (2014). Escala de Autonomia para Adultos: Manual técnico. Universidade Federal de São João del-Rei.
- Barbosa, P. V. (2014). *O desenvolvimento da autonomia adolescente: contexto, valores, estilos educativos e a legitimidade da autoridade parental* (Publicação nº 000932789 [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <http://hdl.handle.net/10183/102341>
- Beyers, W.; Goossens, L.; Moors, E. & Vansant, I. (2003) A structural model autonomy in Middle and late adolescence: connectedness, separation, detachment, and

- agency. *Journal of Youth and adolescence*, 32, 351-365.
<https://doi.org/10.1023/A:1024922031510>
- Bjorklund, D. F.; Gray, P. & Lancy D. F. (2023). Decline in independent Activity as a cause of decline in Children's mental wellbeing: summary of the evidence. *The Journal of Pediatrics*, 260(2). DOI: [10.1016/j.jpeds.2023.02.004](https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2023.02.004)
- Blake, J. A., Thomas, H. J., Pelecanos, A. M., Najman, J. M., & Scott, J. G. (2024). Attachment in young adults and life satisfaction at age 30: A birth cohort study. *Applied Research in Quality of Life*, 19, 1549–1568.
<https://doi.org/10.1007/s11482-024-10297-x>
- Bowlby, John (2002). *Apego e Perda: Apego*, 1, 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes.
- Brito, A. S., & BRITO, J. H. S. (2012). A Autonomia Humana: da Filosofia à Bioética Clínica. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 68(4), 657–671.
<http://www.jstor.org/stable/23596156>.
- Choudhury, S. (2010) Culturing the adolescent brain: what can neuroscience learn from anthropology?, *Oxford University Press*, 5, 159-167 doi:10.1093/scan/nsp030
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 810–832.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Dahl R. & Suleiman A. B. (2019) Parent-Child Relationships in the Puberty Years: Insights From Developmental Neuroscience. *Family Relations Interdisciplinary Journal of Applied Family Science*, 68(3), 279-287
<https://doi.org/10.1111/fare.12360>

- Dittrich, A. (2010). Autocontrole e autonomia na análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12(1-2), 64–78.
- Feeney, B. C. (2007). The dependency paradox in close relationships: Accepting dependence promotes independence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(2), 268–285. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.92.2.268>
- Frankenhuis, W. E., de Vries, S. A., Bianchi, J. M., & Ellis, B. J. (2020). Hidden talents in harsh conditions? A preregistered study of memory and reasoning about social dominance. *Developmental Science*, 23(4), e12835. <https://doi.org/10.1111/desc.12835>
- Galván, A. (2021). Adolescent brain development and contextual influences: A decade in review. *Journal of Research on Adolescence*, 31(4), 843–869. <https://doi.org/10.1111/jora.12687>
- Jamabo, A. & Jamabo, T. (2010). Filial relationship and autonomy of senior secondary school students in River State. *Bangladesh e-Journal of Sociology*, 7(2), 42-49.
- Kağitçibaşı, Ç. & Yalin, C. (2014). Family in Adolescence: Relatedness and Autonomy Across Cultures, *The Oxford Handbook of Human Development and Culture: An Interdisciplinary Perspective*. (pp. 410-424), <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199948550.013.25>.
- Keller, H. (2018). Universality claim of attachment theory: Children's socioemotional development across cultures. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 115(45), 11414–11419.
- Keller, H. (2022). The myth of attachment theory: A critical understanding for multicultural societies. Routledge.
- Laurenti, C. (2009). O conceito de homem na análise do comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 179–186.

- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2024). A Construção Política do “Eu” no Comportamentalismo Radical: Opressão, Submissão e Subversão. *Acta Comportamentalia: Revista Latina De Análisis Del Comportamiento*, 32(1), 73-91.
- Latkin, C. A., Edwards, C., Davey-Rothwell, M. A., & Tobin, K. E. (2017). The relationship between social desirability bias and self-reports of health, substance use, and social network factors among urban substance users in Baltimore, Maryland. *Addictive Behaviors*, 73, 133–136.
<https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2017.05.005>
- Lopes, C. E., Laurenti, C., & Abib, J. A. D. (2018). O conceito de eu na análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 139–155.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2021). Attachment theory: A behavioral systems approach for studying species-universal and individual-differences aspects of the mental mind. In T. K. Shackelford (Ed.), *The SAGE handbook of evolutionary psychology: Foundations of evolutionary psychology* (pp. 260–282). SAGE Publications Inc.
- Noom, M. J., Deković, M., & Meeus, W. (2001). Conceptual analysis and measurement of adolescent autonomy. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(5), 577–595.
- Prado, A. M., & Machado, P. S. (2021). Juventudes e diversidade sexual: Experiências e resistências na contemporaneidade. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 23(2), 1–17. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE12984>
- Reichert, C. B. & Wagner, A. (2007) Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais, *Revista Psico*, 38 (3), 292-299

- Resende, B.D.; Ripardo, R., & Oliva, A. D. (2018). Psicologia Evolucionista e algumas contribuições para a compreensão do Desenvolvimento Humano. Em: Yamamoto, M.E. & Valentova, J.V. (Eds) *Manual de Psicologia Evolucionista*. (pp. 410-430).
- Sagone, E., Commodari, E., Indiana, M. L., & La Rosa, V. L. (2023). Exploring the association between attachment style, psychological well-being, and relationship status in young adults and adults: A cross-sectional study. *European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education*, 13(3), 525–539.
<https://doi.org/10.3390/ejihpe13030040>
- Sapolsky, R. M. (2024). *Determinados: uma ciência da vida sem livre-arbítrio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schneewind, J. B. (1998). *The Invention of Autonomy: A history of modern moral Philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva, L. A., & Faria, L. (2020). Transição para a vida adulta e autonomia de jovens brasileiros: Desafios contemporâneos. *Psicologia em Estudo*, 25, e44248.
<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44248>
- Silva, A. V., & Simonassi, L. E. (2019). Condições experimentais para a verificação de correlação entre eventos públicos e privados inferidos, *Humanidades & Tecnologia em Revista*, 16(1), 259-278.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Merril Publishing.
- Teixeira, R. C. R., Ferreira, J. H. B. & Howat-Rodrigues, A. B. C. (2019). Collins and Read Revised Adult Attachment Scale (RAAS) validity evidences, *Psico (Porto Alegre)*, 50 (2), <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.29567>
- Tourinho, E. Z. (2009). Subjetividade e relações comportamentais. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(2), 197–214.

Anexo A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)****Projeto: Autonomia em jovens e sua relação com estilo de apego adulto**

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa intitulada “**Autonomia em jovens e sua relação com estilo de apego adulto**”, esse estudo pretende avaliar o nível de autonomia de jovens, classificar o estilo de apego desses mesmos jovens e verificar se existe relação entre essas duas variáveis. Para isso, iremos caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico dos participantes; avaliar o nível de autonomia comportamental, emocional e funcional através de um questionário; classificar o estilo de apego através de uma escala; relacionar as variáveis entre si. Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo.

Caso você aceite participar da pesquisa, a sua participação será de maneira voluntária e anônima na forma do preenchimento de três questionários *on-line* através do sistema *Google Forms*, com tempo aproximado de 15 (quinze) minutos e poderá ser respondida em qualquer lugar que tenha acesso a internet. Durante o preenchimento do questionário, o maior risco seria a divulgação da sua identidade, mas para evitá-lo, sua privacidade será preservada omitindo seus nomes e informações registradas em protocolos, planilhas, programas para análise de dados, entre outros. Desta forma, serão mínimos os riscos à sua integridade e imagem pessoal. A pesquisa não gerará nenhum tipo de custo e nem causará danos à saúde, contudo, é possível que ao fornecer informações sobre renda familiar média, crenças, sentimentos e pressões sociais relacionadas à autonomia e ao estilo de apego, você sinta algum tipo de incômodo. Caso algumas dessas situações ocorram, você poderá entrar em contato conosco. Estaremos disponíveis para o diálogo e, quando necessário, haverá encaminhamento gratuito para profissional competente que o auxilie a lidar com essas questões.

A pesquisa não fornecerá nenhum tipo de benefício direto, pois trata-se de estudo exploratório com o fim de coletar dados que serão utilizados para fins científicos, auxiliando na compreensão de fatores relacionados a autonomia. Os resultados obtidos permitirão o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, assim como também haverá apresentações em eventos científicos e publicações, seja em formato de resumo ou artigo. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

A pesquisa tem como pesquisador responsável a mestrande Aline de Abreu França Barros (PPGNC/UFPA), como orientadora a Professora Doutora Rachel Coêlho Ripardo Teixeira (NTPC/UFPA) e coorientador o Professor Doutor Paulo Roney Kilpp Goulart. Durante todo o período de realização da pesquisa, você poderá tirar suas dúvidas e acompanhar o andamento da mesma, mandando um e-mail para a pesquisadora Aline de Abreu França Barros: aline.ab.franca@gmail.com, ou para a orientadora Rachel Coelho Ripardo Teixeira, através do endereço: Núcleo de Teoria e Pesquisa, Prédio II, Campus Universitário do Guamá, Rua Augusto Corrêa, 01, Belém, Pará, Brasil – CEP 66075-110, fone (91) 3201-7949, e-mail: rcripardo@ufpa.br.

Projeto: Autonomia em jovens e sua relação com estilo de apego adulto

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa, você deverá procurar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Núcleo de Medicina Tropical (NMT) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Núcleo de Medicina Tropical, 1 andar. Av. Generalíssimo Deodoro, 92 – Umarizal, CEP 66.055-240 Belém – PA. Telefone: 3201-0961, E-mail: cepnmt@ufpa.br

A relevância social da pesquisa é ampliar o conhecimento acerca da autonomia de jovens brasileiros e se há relação com o estilo de apego desenvolvido pelos mesmos jovens ao longo da história de vida.

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros voluntários, não sendo divulgado a identificação de nenhum participante.

O voluntário tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Leia a declaração abaixo, e caso concorde em participar da pesquisa, clique em “concordo” para continuar a pesquisa. Caso contrário, basta clicar em “discordo” e enviar o formulário.

Preencha o campo com seu e-mail e receba uma cópia desse termo agora mesmo ou baixe este arquivo.

Tendo sido assim esclarecido os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os possíveis riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “**Autonomia em jovens e sua relação com estilo de apego adulto**”. Estou ciente que o projeto foi autorizado pelo Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, Parecer Nº 7.548.859. Autorizo a divulgação dos resultados e conclusões da pesquisa por meio de publicações e/ou eventos, desde que nenhum dado possa me identificar.

Assinatura da pesquisadora – Aline de Abreu França Barros

Anexo B. Questionário Socioeconômico e Demográfico

1. Qual a sua idade?

- ☐ 18
- ☐ 19
- ☐ 20
- ☐ 21
- ☐ Outra

2. Qual sua cor ou Raça?

- ☐ Amarela
- ☐ Branca
- ☐ Indígena
- ☐ Negra
- ☐ Parda
- ☐ Outra. Especifique _____

3. Qual o sexo atribuído no seu nascimento?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

4. Com qual gênero você se identifica?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Não Binário
- ☐ Prefiro não responder
- ☐ Outro. Especifique _____

5. Qual sua orientação sexual?

- ☐ Assexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Heterossexual

- ☐ Homossexual
- ☐ Pansexual
- ☐ Outra. Especifique _____

6. Qual seu estado civil?

- ☐ Solteiro
- ☐ Namorando
- ☐ Casado
- ☐ União Estável
- ☐ Outro. Especifique _____

7. Qual a sua formação?

- ☐ Ensino fundamental ou menos
- ☐ Cursando ensino médio
- ☐ Ensino Médio completo
- ☐ Cursando Nível Técnico
- ☐ Cursando Nível Superior
- ☐ Outro. Especifique _____

8. Com quem você mora atualmente?

- ☐ Amigo(s)
- ☐ Cônjuge/Companheira/o(s)
- ☐ Pais ou responsáveis
- ☐ Parentes
- ☐ República
- ☐ Sozinho
- ☐ Outros. Especifique _____

9. Atualmente, você...

- ☐ não possui nenhuma atividade fixa

- ☐ estuda
- ☐ estuda e trabalha
- ☐ trabalha
- ☐ outro. Especifique _____

10. Qual sua renda familiar (a soma de quanto toda a família recebe no mês)?

- ☐ Menos que R\$ 1.518,00
- ☐ Entre R\$ 1.518,01 e R\$ 4.554,00
- ☐ Entre R\$ 4.554,01 e R\$ 9.108,00
- ☐ Entre R\$ 9.108,01 e R\$ 15.180,00
- ☐ R\$ 15.180,01 ou mais

11. Você contribui para a renda familiar ou renda individual?

- ☐ Não
- ☐ Sim, com 01 salário mínimo ou menos
- ☐ Sim, com mais de 1 salário mínimo

12. Caso você não contribua para a renda individual ou familiar, já contribuiu em algum momento?

- ☐ Não, nunca
- ☐ Sim, já contribuí e hoje estou desempregada/o.
- ☐ Sim, mas hoje não contribuo por outros motivos. Especifique _____

13. Você já foi diagnosticado com algum transtorno psicológico, motor ou do neurodesenvolvimento?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Qual? _____

14. Você nasceu em qual estado do Brasil?

- ☐ Acre
- ☐ Alagoas

- ☐ Amapá
- ☐ Amazonas
- ☐ Bahia
- ☐ Ceará
- ☐ Distrito Federal
- ☐ Espírito Santo
- ☐ Goiás
- ☐ Maranhão
- ☐ Mato Grosso
- ☐ Mato Grosso do Sul
- ☐ Minas Gerais
- ☐ Pará
- ☐ Paraíba
- ☐ Paraná
- ☐ Pernambuco
- ☐ Piauí
- ☐ Rio de Janeiro
- ☐ Rio Grande do Norte
- ☐ Rio Grande do Sul
- ☐ Rondônia
- ☐ Roraima
- ☐ Santa Catarina
- ☐ São Paulo
- ☐ Sergipe
- ☐ Tocantis

15. Atualmente, você mora em qual lugar?

- ☐ Acre
- ☐ Alagoas
- ☐ Amapá

- () Amazonas
- () Bahia
- () Ceará
- () Distrito Federal
- () Espírito Santo
- () Goiás
- () Maranhão
- () Mato Grosso
- () Mato Grosso do Sul
- () Minas Gerais
- () Pará
- () Paraíba
- () Paraná
- () Pernambuco
- () Piauí
- () Rio de Janeiro
- () Rio Grande do Norte
- () Rio Grande do Sul
- () Rondônia
- () Roraima
- () Santa Catarina
- () São Paulo
- () Sergipe
- () Tocantis
- () Fora do Brasil. Especifique onde _____

Anexo C. Questionário de Autonomia em Adolescentes e Jovens

Este questionário contém afirmações sobre várias atitudes e comportamentos para que possamos compreender melhor as tuas características individuais. Leia com atenção cada uma das afirmações e assinale, com sinceridade, a resposta que melhor caracteriza a tua maneira de ser, de acordo com a seguinte escala: 1 – Discordo completamente; 2 – Discordo; 3 – Concordo às vezes; 4 – Concordo com frequência; 5 – Concordo completamente

	1 – Discordo completamente	2 - Discordo	3 – Concordo às vezes	4 – Concordo com frequência	5 – Concordo Completamente
1. Eu rapidamente me sinto à vontade numa nova situação.					
2. Eu consigo seguir os objetivos que coloco para minha vida.					
3. Eu sou uma pessoa corajosa.					
4. Eu tenho as características necessárias para conquistar o que quero para minha vida.					
5. Eu sei que consigo conquistar meus objetivos.					
6. Tenho facilidade de começar novas tarefas por conta própria.					
7. Eu acho difícil começar uma nova atividade por conta própria.					
8. Eu sei me virar sozinho.					
9. Eu sempre preciso de ajuda para resolver meus problemas.					
10. Quando eu discordo dos outros, eu tenho facilidade de dizer isso a eles.					
11. Eu sei quais são minhas opiniões, e não mudo de ideia depois de escutar os outros.					
12. Eu acho que não preciso concordo com os desejos dos outros.					
13. Frequentemente eu concordo com os outros, mesmo que eu não tenha certeza da minha opinião.					
14. Raramente me sinto confusa ou não sei o que pensar sobre algum assunto.					
15. Eu tenho facilidade em escolher o que quero.					
16. Eu tenho planos claros para o meu futuro.					
17. Quando as pessoas me perguntam o que eu quero para o meu futuro, imediatamente sei a resposta.					
18. Frequentemente eu tenho dúvidas sobre o que fazer diante de uma situação.					

Anexo D. Escala de Estilo de Apego

Escala de Estilo de Relacionamento

As seguintes perguntas dizem respeito a como você *geralmente* se sente nas *relações íntimas importantes* em sua vida. Pense sobre seus relacionamentos passados e presentes com as pessoas que foram especialmente importantes para você, como membros da família, parceiros românticos e amigos íntimos. Responda a cada afirmação em termos de como você *geralmente* se sente nessas relações.

Utilize a escala abaixo, assinalando a opção que tem grau de semelhança entre o que você costuma sentir e cada uma das afirmações que serão apresentadas.

	Não tem nada a ver comigo	Tem pouco a ver comigo	Tem mais ou menos a ver comigo	Tem bastante a ver comigo	Tem tudo a ver comigo
1. Acho relativamente fácil me aproximar das pessoas.					
2. Acho difícil me apoiar nos outros.					
3. Muitas vezes fico preocupado(a) pensando se as pessoas realmente me amam.					
4. Acho que as outras pessoas não querem se aproximar de mim tanto quanto eu gostaria.					
5. Eu me sinto bem me apoiando nas outras pessoas.					
6. Eu não me incomodo quando as pessoas ficam muito ligadas afetivamente a mim.					
7. Eu acho que as pessoas nunca estão lá quando a gente precisa delas.					
8. Eu me incomodo um pouco com a proximidade afetiva das outras pessoas.					
9. Frequentemente me preocupo com a possibilidade das pessoas não quererem mais ficar comigo.					
10. Quando demonstro meus sentimentos para os outros, tenho medo que eles não sintam o mesmo por mim.					
11. Muitas vezes me pergunto se as pessoas realmente se importam comigo.					
12. Eu me sinto bem quando estabeleço relações próximas com outras pessoas.					
13. Eu me sinto desconfortável quando alguém fica muito ligado afetivamente a mim.					
14. Eu sei que as pessoas estarão lá quando eu precisar delas.					
15. Eu quero me aproximar das pessoas, mas tenho medo de me ferir.					
16. Eu acho difícil confiar inteiramente nos outros.					
17. Em geral, as pessoas querem que eu fique emocionalmente mais próximo(a) delas do que eu gostaria.					
18. Eu não tenho certeza de poder contar sempre com os outros quando eu precisar deles.					

Anexo E. Regressão Linear

Regressão Linear

Modelo	R	R ²	Teste ao Modelo Global			
			F	gl1	gl2	P
1	0.502	0.252	16.6	4	197	<.001

Nota. Models estimated using sample size of N=202

Teste de autocorrelação de Durbin-Watson

Autocorrelação	Estatística DW	P
0.0205	1.95	0.762

Estatísticas de Colinearidade

	V I F	Tolerância
Média – Ansiedade	1	0.816
	.	
	2	
	3	
Média – Evitação	1	0.796
	.	
	2	
	6	
Grupo de Renda	1	0.957
	.	

0
4

Teste à Normalidade (Shapiro-Wilk)

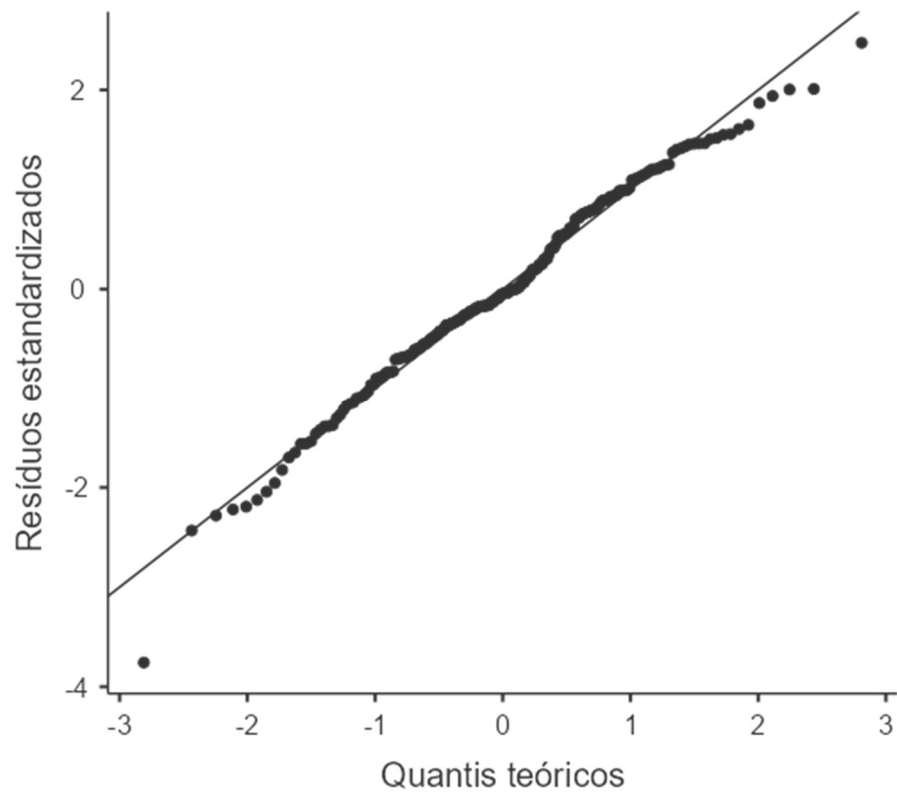
Estatística	P
0.988	0.102

Coefficientes do Modelo – Média da Autonomia Geral

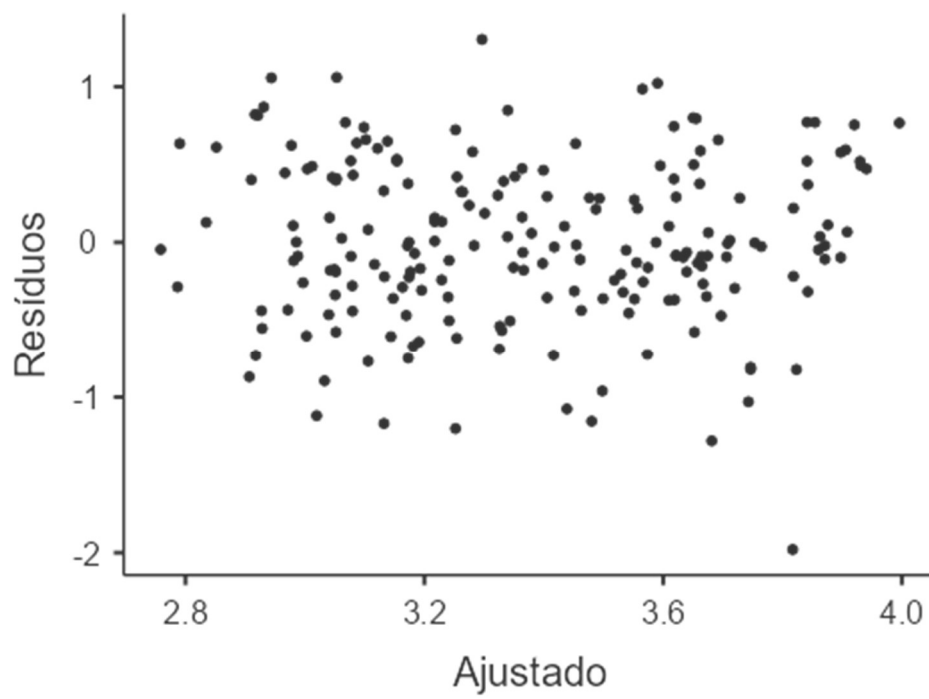
Preditor	Estimativas	Erro-padrão	T	P
Intercepto ^a	4.306	0.1540	27.97	<.001
Média - Ansiedade	-0.202	0.0394	-5.11	<.001
Média – Evitação	-0.129	0.0627	-2.06	0.040
Grupo de Renda:				
Alta – Média	0.112	0.1092	1.02	0.307
Baixa – Média	0.130	0.1007	1.29	0.199

^a Representa a média global

Gráfico Q-Q



Gráficos de Resíduos



Anexo F. Tabelas Adicionais

Tabela 9

Verificação de Pressupostos - Teste à Normalidade (Shapiro-Wilk)

	W	P
Autonomia Funcional	0.990	0.162
Autonomia de Iniciat/Indep	0.984	0.022
Autonomia Emocional	0.985	0.033
Autonomia Atitudinal	0.970	<.001
Autonomia Geral	0.994	0.549

Nota. Um p-value pequeno sugere a violação do pressuposto da normalidade

Teste à Homogeneidade de Variâncias (Levene)

	F	gl1	gl2	P
Autonomia Funcional	0.2443	1	200	0.622
Autonomia de Iniciat/Indep	0.2129	1	200	0.645
Autonomia Emocional	0.0740	1	200	0.786
Autonomia Atitudinal	0.5547	1	200	0.457
Autonomia Geral	0.0589	1	200	0.809

Tabela 10

Testes Post Hoc para todas as dimensões de autonomia:

Teste Post-hoc de Games-Howell - Funcional

		Inseguro	Seguro
Inseguro	Diferença média	—	-0.636***
	valor t	—	-6.38
	GI	—	173
	valor-p	—	<.001
Seguro	Diferença média	—	—
	valor t	—	—
	GI	—	—
	valor-p	—	—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Teste Post-hoc de Games-Howell – Iniciativa/Independência

		Inseguro	Seguro
Inseguro	Diferença média	—	-0.385***
	valor t	—	-3.94
	GI	—	175
	valor-p	—	<.001
Seguro	Diferença média	—	—
	valor t	—	—
	GI	—	—
	valor-p	—	—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Teste Post-hoc de Games-Howell - Emocional

		Inseguro	Seguro
Inseguro	Diferença média	—	-0.265*
	valor t	—	-2.47
	GI	—	168
	valor-p	—	0.015
Seguro	Diferença média	—	—
	valor t	—	—
	GI	—	—
	valor-p	—	—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Teste Post-hoc de Games-Howell - Atitudinal

		Inseguro	Seguro
Inseguro	Diferença média	—	-0.714***
	valor t	—	-6.23
	GI	—	164
	valor-p	—	<.001
Seguro	Diferença média	—	—
	valor t	—	—
	GI	—	—

valor-p

—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Teste Post-hoc de Games-Howell – Geral

		Inseguro	Seguro
Inseguro	Diferença média	—	-0.500***
	valor t	—	-6.12
	Gl	—	160
	valor-p	—	<.001
Seguro	Diferença média		—
	valor t		—
	Gl		—
	valor-p		—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Tabela 12*Verificação de Pressupostos - Teste à Normalidade (Shapiro-Wilk)*

	W	P
Média – Autonomia Geral	0.992	0.302
Média – Ansiedade	0.975	0.001
Média – Evitação	0.987	0.072

Nota. Um p-value pequeno sugere a violação do pressuposto da normalidade

Tabela 13*Testes Post Hoc para as 3 médias**Teste Post-hoc de Games-Howell – Autonomia Geral*

		Alta	Baixa	Média
Alta	Diferença média	—	0.220	0.3050*
	valor t	—	2.19	2.923
	GI	—	143	100
	valor-p	—	0.076	0.012
Baixa	Diferença média	—		0.0853
	valor t	—		0.875
	GI	—		104
	valor-p	—		0.657
Média	Diferença média			—
	valor t			—
	GI			—

valor-p

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Teste Post-hoc de Games-Howell – Ansiedade

		Alta	Baixa	Média
Alta	Diferença média	—	-0.771***	-0.7305**
	valor t	—	-4.15	-3.509
	GI	—	136	96.6
	valor-p	—	<.001	0.002
Baixa	Diferença média		—	0.0406
	valor t		—	0.214
	GI		—	89.5
	valor-p		—	0.975
Média	Diferença média			—
	valor t			—
	GI			—
	valor-p			—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Teste Post-hoc de Games-Howell – Evitação

		Alta	Baixa	Média
Alta	Diferença média	—	-0.635***	-0.354
	valor t	—	-5.63	-2.30

	GI	—	121	81.8
	valor-p	—	<.001	0.062
Baixa	Diferença média	—		0.281
	valor t	—		2.02
	GI	—		62.7
	valor-p	—		0.115
Média	Diferença média			—
	valor t			—
	GI			—
	valor-p			—

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$